

Namoro com IA

Muita gente está combatendo a solidão e a ansiedade por meio dos relacionamentos virtuais. Mas até que ponto essas interações substituem ou podem nos afastar de uma conexão humana verdadeira?

Tradição que constrói valores e inovação que transforma a vida.

Mais que formar, transformar.
Há **84** anos, a PUC-Campinas constrói uma história
pautada em valores que transformam a vida de
seus alunos, revelando talentos e preparando
profissionais mais humanos para a vida.



PUC-Campinas,
84 anos de histórias.



PUC
CAMPINAS
INOVANDO. PROMOVENDO. CULTIVANDO.



(Re) inventar para existir

Em uma realidade de constante mudança e novidade, trazer inovação parece quase impossível. É por isso que a renovação se torna o fio condutor das grandes criações neste cenário dinâmico. Pensar além dos limites, enxergar com outros olhos e traçar caminhos inéditos são formas de ressignificar o que já parecia gasto pelo tempo. É essa busca que move a Há Nexo, revista da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas.

Esta publicação é o resultado da produção e edição de alunos que foram peças essenciais na procura por esta renovação, ao lado dos professores do curso. Nesta edição, trazemos histórias e reflexões que dialogam com a essência do ato de reinventar. Pessoas e temas que, assim como nós, ousam trilhar novas estradas em um mundo que, paradoxalmente, nunca para de se transformar, mas sempre anseia por olhares inéditos.

Escolhemos contar muitas histórias e uma delas mostra o crescimento da moda periférica, que dia a dia vem conquistando espaço e se tornando referência para repórteres especializados. Outra reportagem mergulha nas nuances do jornalismo policial, explorando seus desafios e belezas. E há muito mais, porque cada matéria reflete nosso desejo de mostrar como a renovação pode estar presente em cada narrativa.

Esperamos que você, leitor, possa ler nestas palavras o esforço e dedicação de trazer com sensibilidade aquilo que acreditamos ser importante. Que ao final desta leitura algo se mova dentro de você, convidando-o a enxergar o que está ao seu redor, mas com olhos de reinvenção. Renovar o que parece velho é um exercício diário, mas também um passo essencial para descobrir o extraordinário naquilo que julgávamos ordinário.

Por fim, queremos que esta revista seja mais do que uma leitura. Que ela seja um convite, uma inspiração para ampliar o olhar e as ideias.

Boa leitura!

REVISTA HÁNEXO

É uma revista bianual feita pelos alunos de jornalismo da PUC-Campinas no ano de 2024, que consta como prática para a disciplina Jornalismo de Revista e Design de Notícia

CONSELHO EDITORIAL

é formado pelos professores Aduino Molck, Cíça Toledo e Rose Bars

Edição número 19
Ano VI
Dezembro de 2024

Jornalista Responsável
Aduino Molck (MTB: 22.242)

QUEM FEZ...





A revista **Há Nexô** é uma publicação bianual feita pelos alunos da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas em 2024, como prática das disciplinas Jornalismo de Revista e Design de Notícia.

Conselho Editorial

Adauto Molck
Ciça Toledo
Rose Bars

Projeto gráfico

Adauto Molck

Editora de texto

Ana Ornelas

Editora de arte

Isabela Galvão Reis

Reporteres & Fotógrafos

Adriano Bueno
Carlos Favaretto
Catarina Werneck
Gabriel França
Gabriela Lamas
Giovanna Pupo
Gustavo Seneme
João Belvedere
Júlia Garcia
Júlia Iaconi
Laura Leite
Laura Saroa
Leonardo Perico
Letícia Meneghel
Livia Nonata
Marcos Rossi
Maria Eduarda Mubarak
Mariana Dadamo
Mario Casemiro
Rafala Senatore
Raphael Guerra
Sophia Miranda
Vitória Régia Barros
William Castro

Contato

Faculdade de Jornalismo
dir.jornalismo@puc-campinas.edu.br

ONDE ESTÁ...

Da Favela ao Mainstream

'Moda Periférica é a Pluralidade de Expressões'

14

16

Novos Tempos no Jornalismo

Gerações Conectadas pela Tendência

22

26

Afetos Artificiais

BETS são Vício ou Divesão?

32

36

Entrevista - Daniela Arbex

**Jornalismo Policial,
reportando o caos**

42

48

Eu, Jornalista - Mariana Cruz

Entrevista - Sarah Schmidt

52

60

Sob Pressão

Brilhantes desde a faculdade

64

68

Ativos, Saudáveis e Felizes

NOSSA OPINIÃO

Editorial - Ana Ornelas

(Re)inventar para existir - página 3

Resenha/Livro - Sophia Miranda

Todo dia a mesma noite - página 41

Resenha/Filme - Will Castro

Quase Famosos - página 77

COM NEXO

neken
5,90 sábado

Vícios
&
vinhos



**Da favela ao
mainstream**



Para além das roupas, a moda periférica transforma identidade e se torna um símbolo de resistência e representatividade

Somos África, rap, rua! E não damos a mínima para suas etiquetas. Essa é a descrição do blog de moda e comportamento Expensive Shit, criado no início das carreiras das gêmeas Tasha & Tracie, fenômenos da música e agora, ícones da moda brasileira. O termo “it favela”, foi criado pelas multiartistas, e é usado para retratar a criatividade e autenticidade periférica que cria tendências muito antes de chegarem nas passarelas!

Assim como elas, diversos artistas do funk, trap e rap usam de seu estilo para além da estética, sendo sobre-

tudo, uma forma de expressão. Um dos resultados desse movimento é a identificação causada nas outras pessoas. E é a partir dessa identificação que surge a representatividade.

“A representação de

artistas periféricos ajuda a legitimar a moda periférica como um espaço de criatividade autêntica e digna de atenção. Quando artistas como Anitta ou DJ Rennan da Penha usam marcas e estilos que emergiram nas favelas, eles elevam essa estética ao mainstream, ajudando a redefinir o que é considerado “fashion”. Quando essa representação vem acompanhada de uma celebração genuína, ela desafia preconceitos e expandir

a percepção pública sobre o que é a moda e quem tem o direito de criá-la e redefini-la.” diz Jairo Malta, pesquisador social e autor de Sons da Perifa, um blog da Folha de São Paulo sobre música e comportamento periférico.

Para o mundo

O Estilo Mandrake explodiu na década de 80, por estar atrelado à estética produzida pelo movimento do funk na periferia. Contudo, ele só se tornou popularmente conhecido entre 2020 e 2021, depois de viralizar nas redes sociais, atraindo diversos influenciadores digitais para participar do “Desafio Mandrake”. O viral foi reproduzido mais de 60 mil vezes, acumulando mais de 950 milhões de visualizações na hashtag, embora muitas vezes o estilo fosse retratado de forma caricata, reduzido a uma fantasia sociocultural. Três anos depois, a maneira como o estilo periférico é percebido pela sociedade mudou significativamente.

“Todos os tipos de diversidade dentro da moda, são recentes, eles demoraram para acontecer. É um movimento que ganhou mais força a partir de 2020, mas esse movimento é muito importante, tudo que envolve o mercado de moda não é só da moda. É política, posicionamento, representatividade. Se a gente não tem diversidade de produção, execução e de criativo, como que a marca vai se comunicar com o público?” questiona Priscilla Geremias, jornalista especialista em moda, arte e cultura.

Aos poucos, as grandes marcas que já visualizavam esse movimento It Favela, como a Nike, abriram es-

Reportagem

Laura Leite
Livia Nonata e
Leonardo Périco

Edição

Laura Leite

Fotos

Arquivos Pessoais

paço para que aqueles que realmente vestiam a camisa do Brasil fossem os protagonistas dessa história. “MCs do funk, por exemplo, têm popularizado marcas como Lacoste e Oakley, reconfigurando o significado social desses produtos.” acrescenta Jairo Malta. Porém, embora haja uma crescente celebração da moda periférica nas redes sociais e campanhas publicitárias, persiste uma exploração mercadológica que não valoriza genuinamente as comunidades de origem. “A mídia passou a retratar a moda periférica com mais frequência, mas muitas vezes sem se aprofundar no contexto cultural que ela carrega, focando apenas na superfície visual”, afirma Priscilla.

Um exemplo claro é a apropriação do estilo dos funkeiros paulistanos e a tendência do #Brazilcore, onde cores e símbolos são utilizados por marcas internacionais sem o devido reconhecimento do que representam nas vivências das periferias. De acordo com a professora do curso de moda da PUC Campinas, Tauane Aguirre, esse fenômeno conhecido como “borbulha”, emerge de uma manifestação plural, refletindo a identidade coletiva de grupos. É a partir dessa riqueza cultural que as grandes marcas se inspiram e lançam versões de grife que muitas vezes ignoram as raízes desses estilos.

Ressignificando espaços

Antes mesmo da linguagem verbal, os gestos, as vestimentas e a forma como nos comportamos já passam uma determinada imagem para quem estiver observando. Contudo, muitas vezes essa projeção do corpo político é recebida juntamente a preconceitos e estereótipos ditados pela sociedade. Isabelle Godoy, estudante e entusiasta da moda, conta que, ao sair vestido com roupas que identificam o estilo, automaticamente repara olhares diferentes. “Eu já me senti discriminada pelo tipo de roupa que eu usava, já recebi olhares tortos ainda mais em uma sociedade conservadora, mas hoje, eu entendo que a forma que tenho de me expressar e ser eu mesma.”

“Eu já me senti discriminada pelo tipo de roupa que eu usava, já recebi olhares tortos ainda mais em uma sociedade conservadora, mas hoje, eu entendo que a forma que tenho de me expressar e ser eu mesma.”

Isabelle Godoy





Johnny Lima, poeta e ator adepto ao estilo periférico, conta que também já passou por essa experiência e se sentiu julgado pelo seu estereótipo periférico e seu estilo. Mas, para ele, a moda é muito mais do que o ato de se vestir, ela revela questões sociais e políticas. “Na quebrada a moda é praticamente aquilo que te define enquanto indivíduo, se antes você era só um moleque, ao comprar um Mizuno você adquire valor a você mesmo. Também se estabelece uma percepção sobre você, seus gostos e costumes, você se torna pertencente a um grupo e até uma ideologia, tudo isso mesmo que de certa forma inconsciente traz um cuidado e uma regra do que usar e do que causará certas roupas.”

A moda periférica, especialmente o estilo mandrake, também reconfigura o olhar sobre a favela ao destacar o potencial criativo que emerge desses espaços. Para a fotógrafa Maria Eduarda Matoso, esse movimento é um reencontro com suas raízes e identidade. Ela relata que foi ao observar as mulheres negras da periferia que encontrou seu sentido de pertencimento. “É importante que as pessoas se sintam pertencentes, se sintam vistos e respeitados por serem eles mesmos, sem serem discriminados por estarem usando um determinado tipo de roupa. Quando conquistamos espaços como os que alguns artistas estão conquistando, principalmente nós jovens, sentimos que podemos alcançar um espaço que sempre foi negado pra gente. A moda teve um impacto bem grande na minha vida no momento que eu vi que com ela eu poderia mostrar quem eu realmente era.”

Nessa ótica, a moda quebra os estigmas e mostra que o periférico tem um valor cultural único. Ela também traz visibilidade para a diversidade racial e social, contribuindo para uma narrativa mais inclusiva, onde o “ser periférico” é visto como uma fonte de inovação e não de marginalidade. “A moda periférica tem um potencial transformador, especialmente quando as comunidades que criam essas tendências conseguem contar suas próprias histórias”, conclui Jairo.

FINAL DOS ANOS 1980

MC's Galo foi pioneiro nos bailes funk cariocas e nas roupas inspiradas no Miami Bass, como conjuntos esportivos, bonés, correntes

FINAL DOS ANOS 1980

MC Bob Rum também no estilo que começava a representar a identidade visual das comunidades periféricas

MC Cidinho e MC Doca 1990

A dupla de MC's Cidinho e MC Doca traduziu a estética dos bailes para o palco em roupas simples, bonés e acessórios, como correntes.

**Anitta - 2017**

Anitta surgiu em um período mais à frente, misturando a moda funk com tendências globais, elevando o estilo funkeiro às passarelas e tapetes vermelhos. Anitta redefiniu a estética do funk no mainstream, fazendo colaborações com marcas internacionais, como Fendi e Balmain.

MC Beyoncé (Ludmilla) - 2013

A MC Beyoncé (mais conhecida como Ludmilla) afirmou a representatividade feminina no funk com looks sensuais, que incluíam vestidos colados, saltos altos e acessórios chamativos.

MC Rebecca - 2020

MC Rebecca e Ludmilla trouxeram influências do funk e hip-hop com looks que combinavam streetwear e alta costura.

Ludmilla - 2020

Looks despojados e que misturavam elementos da periferia estavam presentes no dia a dia das artistas.

Tasha & Tracie - 2021

A dupla Tasha & Tracie começou a misturar a estética periférica com alta moda, dando visibilidade à moda preta e periférica em desfiles editoriais



MC Marcinho - 1995

Com o surgimento de MC Marcinho, que usava roupas esportivas da Nike e Adidas em suas apresentações, os jovens adotaram esse novo estilo de vestimenta.



Claudinho & Buchecha - FINAL DOS ANOS 1990

A dupla introduziu um visual mais casual e acessível, com camisas coloridas, bermudas e tênis, tornando-se os novos ícones da moda jovem.

Bonde do Tigrão - 2000

O Grupo Bonde do Tigrão popularizou o visual esportivo com regatas, bermudas largas e bonés que dominavam os bailes.

MC Guimê - 2011

MC Guimê foi pioneiro do funk ostentação, vestindo marcas de luxo como Gucci e Dolce & Gabbana, combinando com correntes douradas e bonés cravejados

MC Creu - 2008

Em 2008, MC Créu começou com o estilo "ostentação", usando roupas chamativas, óculos espelhados e acessórios brilhantes.



MC Daniel - 2023

Em 2023, os MC's Daniel e MC Haniel foram os destaques da cena atual ao combinar streetwear e peças de luxo, continuando a tendência ostentação no funk.

MC Haniel - 2023

Correntes grandes e chamativas são frequentemente combinadas à roupas da Lacoste.

“Moda periférica é a pluralidade de expressões”

Para a professora da Faculdade de Design de Moda da PUC-Campinas, **Roseana Sathler Portes Pereira**, a moda periférica evidencia a resistência cultural e identitária de grupos sociais

O que é a moda periférica?

Em minha perspectiva, a moda periférica pode ser compreendida como uma manifestação cultural e material que abrange estilos, peças de vestuário, acessórios e calçados que emergem e circulam predominantemente em contextos periféricos, frequentemente à margem da produção de moda predominante. Esses territórios periféricos, muitas vezes negligenciados pelas indústrias de moda mainstream, apresentam dinâmicas próprias de criação e consumo, impulsionadas por valores socioculturais específicos. Esses valores são frequentemente traduzidos em uma identidade visual autêntica e original, que, por sua vez, reflete uma autonomia estética. Essa singularidade pode resultar em um distanciamento deliberado dos estilos promovidos pelas esferas hegemônicas da moda, evidenciando a resistência cultural e a afirmação identitária presentes nesses contextos.

Qual é a principal diferença entre a moda periférica e outros estilos de moda?

É fundamental destacar que a moda periférica não se caracteriza por um único estilo ou identidade fixa, mas por uma pluralidade de expressões que variam conforme os diferentes grupos sociais que a compõem. Esses grupos, frequentemente excluídos do alcance da moda mainstream, desenvolvem estéticas próprias como forma de expressão e afirmação. A principal distinção entre a moda periférica e outras vertentes da moda está no fato de que ela emerge a partir de contextos culturais, econômicos e políticos marcados pela marginalização em relação aos mercados convencionais de moda, configurando-se como uma

resposta criativa e resistente às dinâmicas excludentes do setor.

O que é a moda periférica?

Em minha perspectiva, a moda periférica pode ser compreendida como uma manifestação cultural e material que abrange estilos, peças de vestuário, acessórios e calçados que emergem e circulam predominantemente em contextos periféricos, frequentemente à margem da produção de moda predominante. Esses territórios periféricos, muitas vezes negligenciados pelas indústrias de moda mainstream, apresentam dinâmicas próprias de criação e consumo, impulsionadas por valores socioculturais específicos. Esses valores são frequentemente traduzidos em uma identidade visual autêntica e original, que, por sua vez, reflete uma autonomia estética. Essa singularidade pode resultar em um distanciamento

O que é a moda periférica?

Em minha perspectiva, a moda periférica pode ser compreendida como uma manifestação cultural e material que abrange estilos, peças de vestuário, acessórios e calçados que emergem e circulam predominantemente em contextos periféricos, frequentemente à margem da produção de moda predominante. Esses territórios periféricos, muitas vezes negligenciados pelas indústrias de moda mainstream, apresentam dinâmicas próprias de criação e consumo, impulsionadas por valores socioculturais específicos. Esses valores são frequentemente traduzidos em uma identidade visual autêntica e original, que, por sua vez, reflete uma autonomia estética. Essa singularidade pode resultar em um distanciamento

deliberado dos estilos promovidos pelas esferas hegemônicas da moda, evidenciando a resistência cultural e a afirmação identitária presentes nesses contextos.

Qual é a principal diferença entre a moda periférica e outros estilos de moda?

É fundamental destacar que a moda periférica não se caracteriza por um único estilo ou identidade fixa, mas por uma pluralidade de expressões que variam conforme os diferentes grupos sociais que a compõem. Esses grupos, frequentemente excluídos do alcance da moda mainstream, desenvolvem estéticas próprias como forma de expressão e afirmação. A principal distinção entre a moda periférica e outras vertentes da moda está no fato de que ela emerge a partir de contextos culturais, econômicos e políticos marcados pela marginalização em relação aos mercados convencionais de moda, configurando-se como uma resposta criativa e resistente às dinâmicas excludentes do setor.

Quais são os principais elementos que compõem a moda periférica no Brasil, atualmente?

A moda periférica no Brasil não pode ser reduzida a um único estilo, dada a ampla diversidade de grupos que a constituem. Contudo, é relevante destacar determinados estilos que emergiram em contextos periféricos e, posteriormente, exerceram influência sobre os mercados convencionais de moda. Um exemplo é o estilo associado ao funk, caracterizado pelo uso de correntes douradas, roupas curtas e marcas específicas, dentre outros elementos. Inicialmente desenvolvido à margem do mainstream, esse estilo, devido à sua criatividade e capacidade de inovação, foi progressivamente assimilado pelos mercados formais, passando a ser comercializado para públicos amplos e diversificados. Tal fenômeno evidencia a capacidade de ressignificação e apropriação da moda periférica pelo sistema da moda hegemônica.

A indústria da moda no Brasil reproduz de alguma maneira a moda periférica?

O fenômeno de mercados altamente segmentados exercendo influência sobre mercados dominantes é recorrente na história da moda e é amplamente conhecido como trickle-up. Esse processo pode ser ilustrado pelo hip-hop norte-americano, que, embora tenha surgido em contextos periféricos, impactou diretamente marcas

de prestígio e moldou o estilo de celebridades. No contexto brasileiro, o movimento do funk desempenhou um papel semelhante, popularizando marcas como a Oakley. A presença dessas marcas em letras de músicas, videoclipes e no vestuário de artistas do funk contribuiu significativamente para sua difusão e aceitação no mercado brasileiro. Esse exemplo ilustra de forma evidente como a moda periférica não apenas influencia, mas também é incorporada pela indústria de moda convencional, reconfigurando suas dinâmicas e ampliando seu alcance

Na sua opinião, o que é estar na moda?

Estar na moda pode ser entendido como a participação em um fenômeno coletivo no qual determinados estilos, itens ou elementos tornam-se predominantes em um dado contexto sociocultural. Essa adesão pode se manifestar de diversas formas, como ouvir uma música amplamente difundida ou adquirir um produto que alcançou destaque e popularidade. Nesse sentido, estar na moda implica a incorporação de um estilo que exerce influência dominante, seja em uma escala ampla, guiada por grandes mídias que moldam o comportamento de consumo, seja em contextos mais restritos e marginalizados, como os discutidos anteriormente. Assim, a moda reflete tanto os padrões de consumo de massas quanto as dinâmicas de grupos específicos, evidenciando sua capacidade de articulação entre diferentes esferas sociais.



**Roseana
Sathler
Portes
Pereira**

Novos Tempos no Jornalismo



As mudanças no jornalismo, impulsionadas pela revolução digital, são profundas e irreversíveis. Quatro profissionais de áreas distintas falam dos desafios para se adaptar a um cenário em constante evolução

Nos últimos anos, diversas profissões viveram uma revolução sem precedentes nas suas práticas diárias, impulsionadas principalmente pelos avanços tecnológicos. Com o jornalismo não foi diferente. Essas mudanças influenciaram desde a rotina de trabalho dos jornalistas ao processo de produção da notícia, seja em revistas, televisão, rádio ou internet. Há Nexo entrevistou quatro jornalistas que atuam em diferentes áreas, veículos e meios para saber como é o seu dia a dia com tanta tecnologia nas mãos e bastidores.

Sandra Granzotti, chefe de reportagem no Grupo EP (antiga EPTV) tem mais de 30 anos de experiência como jornalista. Em seu currículo há trabalhos em diversas áreas da profissão. Ela destaca a questão da imediatez advinda do avanço tecnológico.

“Foi na EPTV Campinas que vivi os principais processos de mudança. Ele [o jornalismo] virou mais imediato. Antes você só tinha o rádio, a televisão e o jornal impresso. Na televisão, havia dois programas jornalísticos, um no almoço e o outro à noite. Então, se um fato acontecia pela manhã, você conseguia dar a notícia no jornal no horário do almoço, e isso também acontecia no final do dia. Não havia essa agilidade toda para entrar no mesmo dia, mas somente no outro. Logo, tudo era mais demorado. Não existia o furo de reportagem, porque ninguém dava a notícia em primeira mão, pois ninguém conseguia.

Hoje, algumas etapas da produção mudaram muito se comparadas ao meu início de carreira. Por exemplo, um levantamento do número de acidentes no ano. Quando ligamos no órgão responsável, ele já tem os dados, pois é uma coisa que eles armazenam em planilhas. Antes não tinha isso

e era um balanço que a gente fazia a mão mesmo, contando um por um dos acidentes na calculadora. A gente pegava os dados e fazia todo o levantamento. Era muito mais demorado e tudo muito burocrático.

Acho que hoje há mais precisão, porque você consegue contabilizar tudo na hora. Hoje a máquina faz o que antes era na unha mesmo, era no caderninho. Todo jornalista tinha seu caderninho, sua canetinha, então era muito mais difícil do que hoje. É por isso que a gente diz que a tecnologia só facilitou o nosso trabalho. Antes, estávamos acostumados com o mais difícil.

Eu, como repórter, não tive celular. Se eu saísse da redação com uma pauta específica, ninguém conseguiria falar comigo para eu mudar, porque a gente não tinha esse contato fácil, como é hoje em dia. Hoje, qualquer notícia de última hora o chefe já liga para o repórter e o alerta. O que a gente tinha na época era na verdade um rádio fixo no carro. A redação ainda era chamada de Central, e então quando eu estava na rua, tinha que ligar para a redação falando que a repórter Sandra chama a Central. Se eu estivesse dentro do carro, conseguia falar na redação. Mas se estivesse em uma entrevista, eu não saberia se a redação tivesse me acionado. Era uma loucura [a falta de comunicação].

Mas não existia a ânsia de colocar tudo na hora nessa intensidade de hoje. Tudo o que veio foi só para beneficiar, como a checagem. Quantas coisas a gente não checa hoje no Google, não pede, não precisa de dados, como do município e do governo, porque tudo está [disponível] em gráfi-

Reportagem

João Belvedere e
Gustavo Seneme

Edição

João Belvedere e
Gustavo Seneme

Fotos

Gustavo Seneme

Paginação

João Belvedere



“Acho que com as tecnologias as linguagens foram se adaptando e os formatos mudando, mas a essência do jornalismo, que é a boa apuração, continua”

Sandra Granzotti

co, em tabela. Antes era tudo na unha, mesmo. A gente tinha que pedir, anotar a mão, fazer o cálculo, etc.

Assim como vem muita coisa boa pela internet, vem também muita porcaria, como as fake news. É muito difícil, mas hoje já temos tem os caminhos para verificar nossas fontes e informações, e aí nossa profissão tem uma responsabilidade ainda maior para não pegar aquela imagem, para não veicular, para não dar aquela informação, porque sabe que existe a fake News. Nos dias atuais, temos que ter atenção redobrada.

Tudo tem que ser muito mais cuidadosamente checado. Antes, se tínhamos só uma pessoa falando e faltava ouvir os dois lados, a gente já nem colocava [a notícia] no ar, porque não tinha a imagem do flagrante. Hoje, quando chega uma imagem de alguém pelo WhatsApp, por exemplo, temos o trabalho de checar para saber se foi aquilo mesmo, naquele momento ou se não é uma montagem. Há todo um cuidado e atenção redobrada”.

Com 25 anos de profissão e graduada pela PUC-Campinas, **Karina Fusco** tem uma vasta carreira jornalística e já trabalhou em diversas revistas da Editora Abril, com temas sobre saúde, turismo e ciência. “Eu sai da faculdade em 98. Quando estudei, a gente só tinha aula com computador no laboratório, no último ano. Antes a gente usava a máquina

de datilografar e, quando errava o texto, a gente tinha que arrancar o papel, jogar fora e começar tudo de novo. Era tudo analógico, mas quando eu entrei no mercado, na redação, já era internet, digital, m os sites das revistas e a gente fazia impresso e o digital também.

As revistas eram um fenômeno na época e elas tinham milhares de leitores que acompanhavam e assinavam os conteúdos. Eu vi o desenvolvimento da revista na internet. Quando eu entrei no mercado de trabalho, começaram a surgir os sites das revistas, que eram usados para conseguir assinantes. Com o passar do tempo, vivenciei a mudança de foco que era o impresso indo para o digital.

O processo de educação para lidar com as novas tecnologias foi extremamente natural para mim. Quando eu comecei a escrever matérias para aplicativo [internet], percebi que elas deveriam ser menores do que aquelas feitas para revistas, porque as pessoas se cansariam de ler um texto de quatro páginas. No aplicativo, o objetivo é que a leitura seja mais rápida.

Acho que com as tecnologias as linguagens foram se adaptando e os formatos mudando, mas a essência do jornalismo, que é a boa apuração, continua. O essencial, desde sempre, é a apuração. Vamos supor que você recebe a notícia que alguém assaltou um banco. Eu, como repórter, tenho que ir até o local e verificar o que aconteceu, ver quem é o

“Não havia essa agilidade toda para entrar no mesmo dia, somente no outro, logo, era tudo mais demorado”

Karina Fusco



segurança que está lá, quem é o gerente, quem pode falar e dar um testemunho. Isso é apuração, a essência de tudo.

Acho que pegar uma informação na internet é muito diferente do que você conversar. Eu acredito na riqueza das interações. Hoje os desafios são outros, mas é fundamental manter a seriedade no trabalho, a busca por informações e desconfiança sempre de todas as fontes.

Falo que as fake news saem de mentes que querem causar estragos, porque no final elas acabam chegando em pessoas que são mais ingênuas e caem em tudo que veem. E essas pessoas acabam propagando aquilo por ingenuidade. Elas não param para checar e nós, como jornalistas, temos a obrigação de parar e checar por elas. Mas como as coisas são muito mais rápidas, o processo de checagem tem que ser quase instantâneo, o que dá margem para esses “jornalistas” ruins fazerem as coisas de forma pobre, comprometendo o rigor que geralmente temos nesse tipo de apuração.

Sempre tive rigor no meu trabalho e editores extremamente rigorosos. Mesmo com uma informação em mãos, a gente não podia subir uma linha no site enquanto não confirmássemos 100% da informação. Nós vivíamos, então, um paradoxo de quem iria publicar primeiro e com qualidade, ou seja, um conteúdo bem escrito e com as informações checadas da melhor forma possível.

Hoje, por exemplo, a gente olha sites com erros grotescos, mas se tiver qualquer erro, eles só vão lá e atualizam, sem nenhum problema. As pessoas sobem a matéria o mais rápido possível e corrigem qualquer problema depois, o que dá espaço para diversos erros de apuração e de ortografia.

A teoria de que o jornal analógico vai acabar veio com o avanço e a inovação dos meios de comunicação. Quando a televisão chegou, falava-se ou imaginava-se que o rádio desapareceria. Quando a internet chegou, também imaginava-se que os demais modelos de transmissão radiofônica e eletrônica também teriam uma perda muito grande [de audiência] e desapareceriam.

Acho que cada momento é um momento. A gente vive eras: a paleolítica, a industrial e eu acho que agora é a era da informação e a era digital. Na minha opinião, se o modelo de negócio [do jornal] ficar exclusivamente no impresso, ele morrerá. Mas se o modelo de negócio envolver um combo, ou seja, multiplataforma, impresso, com boas redes sociais, custo baixo do impresso, um portal atuante e não apenas um mero reproduzidor do impresso, eu acho que ele sobrevive.

Não sou otimista com relação ao tempo de vida da imprensa escrita, porque acho que as novas gerações não vão saber do prazer que é folhear uma revista impressa. Os jovens já nasceram com o negócio digi-



“No jornalismo, posso dizer que a internet mais atrapalhou do que ajudou”

Marco Guarizzo

tal e nós temos que olhar a tendência. Eles são o futuro, assim como eu já fui o futuro. Acho que as revistas impressas vão ficar cada vez mais restritas, talvez reservadas a edições especiais ou algo do gênero. O formato semanal, mensal ou até mesmo o diário, acredito que vão deixar de existir com o tempo.

Marco Guarizzo, repórter da CBN Campinas – que também pertence ao Grupo EP – já trabalhava na rádio, em 2007, como setorista no esporte, quando vivenciou a chegada da era digital.

“Eu era setorista da Ponte Preta pela CBN Campinas e acompanhava os treinos do time. Todas às vezes eu levava um gravador e, depois dos treinos, entregava a fita para o operador de áudio que fazia a edição. Era um processo extremamente demorado e rudimentar. Não existia uma plataforma de áudio que a gente mesmo editasse e nós dependíamos muito dos outros.

No jornalismo, posso dizer que a internet mais atrapalhou do que ajudou. Hoje, as equipes estão reduzidas muito em função da internet, que preencheu várias funções antes ocupadas pelos jornalistas. Antigamente existiam cinegrafistas tão bons que você tinha o único trabalho de legendar a imagem deles. Mas agora, com os celulares, muitas das vezes somos o próprio cinegrafista e nossa ima-

gem acaba sendo extremamente inferior a de um profissional, com uma câmera também profissional.

Outro exemplo era nos jogos transmitidos pela TV Bandeirantes. A gente utilizava quatro fitas, sendo três para o jogo e uma para a coletiva. Durante o jogo, em uma troca de fitas pelo cinegrafista, ele poderia perder um gol, por exemplo, e não tinha mais o que fazer. Geralmente quando a gente gravava algo muito importante, pedíamos para um motoqueiro pegar a fita e ir correndo para a televisão para subir [à ilha de edição] o quanto antes. Hoje, com o avanço da internet, a gente grava e instantes depois a matéria já está na televisão, chegando antes mesmo da gente voltar para o escritório. Isso para a gente é surreal.

Antes do avanço tecnológico, o jornalista era respeitado, e a gente via isso nas gravações dos anos 80, por exemplo. Para se ter uma noção, era extremamente difícil as pessoas recusarem participar de uma enquête, um “povo fala” na rua, porque o jornalista fazia um papel importante para a população. Agora, com essa facilidade, o respeito pelo jornalista acabou, muito por conta que todo mundo pode dar uma de jornalista e sair filmando e entrevistando pessoas na rua.

Na verdade, acredito que a descredibilização do jornalismo se deu por vários motivos, mas o primeiro com certeza foi

a fala do Gilmar Mendes [ministro do Supremo Tribunal Federal], que inventou uma besteira, dizendo que, já que o jornalista não põe a vida de ninguém em risco, então o diploma de jornalista não deve ser obrigatório. Com isso, ele transformou o jornalista em uma profissão descartável, que nem necessita de diploma para atuar. Isso, além de ser uma besteira, fomentou o discurso para desacreditar nossa profissão.

Marcelo Pereira construiu sua história no jornal Correio Popular, local onde trabalhou por três décadas antes de desembarcar no jornalismo digital, onde lidera o projeto do site Hora Campinas.

“Acho que vivi o melhor e o pior momento do jornalismo impresso, em específico do Correio Popular, em Campinas, porque o jornal foi vítima da própria dinâmica do avanço tecnológico que atinge todos os jornais impressos no mundo.

Eu vivi o auge e a decadência, porque você tem dificuldade de manter o impresso relevante por conta da força do digital. Ocorre que com o crescimento do digital, diminui essa relevância do impresso. A notícia está na palma da sua mão, na hora, no momento, e o impresso você acaba tendo contato com a notícia só no dia seguinte.

Hoje em dia, quando o repórter tem que fazer uma matéria na rua, ele faz praticamente tudo sozinho. Ele tira as fotos para mandar para os jornais, grava e edita as sonoras da rua. Era impensável antigamente esse tipo de comportamento.

Ainda me considero um aprendiz das tecnologias. Tive muitas dificuldades no começo, no meio e até hoje, porque um profissional de 50 anos tem uma cognição tecnológica inferior às atuais gerações. Então é natural que ele precise de apoio, assim como deve ser natural que ele tenha humildade suficiente para aprender aquilo que ainda não sabe. É preciso que ele também tenha uma capacidade até instintiva de sobrevivência.

O profissional que acompanhou essa revolução do impresso digital para o digital e não se adequou, não se modernizou e não fez o dever de casa que era justamente se qualificar, ele está fora do mercado ou

está trabalhando com outras coisas que não seja o jornalismo profissional. Hoje, o jornalismo profissional exige tudo aquilo que o jornalismo clássico pede: apuração básica, verdade, coesão, objetividade, mas também a inovação, marketing e tecnologia. Ele pede um profissional que tenha uma visão mais estratégica.

Eu vivi e vivo dificuldades, por exemplo, antes de começar o projeto Hora Campinas. Sou o fundador e editor-chefe do site. Fiz um processo de capacitação de tecnologia, ou seja, fui aprender um pouco mais sobre algoritmo, sobre como o Google ranqueia as notícias, técnicas de SEO e de postagens em mídias sociais. Fui me capacitar para ter mínimas noções de programação, porque não sou programador, mas eu preciso ter noção no ambiente que eu trabalho, que é o WordPress, o ambiente universal dos maiores jornais que estão na internet. A maioria dos sites usa essa linguagem e eu também fui me capacitar para isso.

Eu acredito no modelo de jornalismo em que você sabe usar as ferramentas sem incorrer na sacanagem, porque sacanear o leitor com títulos provocativos só para ele clicar é quase uma forma de estelionato. É uma sacanagem com o leitor, porque com certeza o texto não vai entregar aquilo que ele quer.

Acho que hoje você tem que confiar em um modelo de jornalismo que faça sentido para as pessoas, que não incorra no sensacionalismo, que tenha informação de procedência confiável, que agregue o jornalismo à credibilidade do profissional. É você somar a sua experiência, sua credibilidade e provar para o mercado que aquele produto que você está entregando ele pode ler e confiar.

No Hora Campinas, temos uma filosofia que produzir jornalismo profissional de confiança. Então, se você clicar no link do Hora Campinas, vai encontrar uma checagem prévia, porque temos uma curadoria. Para você produzir um conteúdo confiável, é preciso ter um bom jornalista, um cara que conheça as ferramentas, mas que também tenha uma boa seleção. Eu confio nesse veículo, ele me satisfaz, porque eu também confio nas pessoas que fazem parte dele”.

“Hoje, o jornalismo pede apuração, verdade, coesão, objetividade, mas também inovação, marketing e tecnologia”

Marcelo Pereira

CULTURA

A diretora da Faculdade de Design de Moda da PUC-Campinas, Rose Sathler afirma que os meios de comunicação atualmente – como o Instagram, TikTok e YouTube – são elementos que influenciam a adequação dos jovens à inserção da cultura pop em seu estilo de vida. “Pessoas que não necessariamente são especialistas na área de moda fazem com que esses conteúdos tenham uma abrangência muito grande. As redes sociais absorveram muito essa mesma dinâmica da disseminação de tendências. Então, hoje, quando a gente fala assim: ah é uma trend do TikTok todo mundo sabe o que é”, disse.

A influência da cultura pop no mundo é evidente quando olhamos o passado e vemos como Michel Jackson e Madonna, que eram grandes divulgadores da cultura pop, dominaram a era dos anos 80 e tornaram-se referência para a geração Millenials. E com a chegada da internet, a forma que o pop se espalhou mais rapidamente pelo mundo transformou como a cultura pop era consumida e compartilhada.

Segundo os filósofos Theodor W. Adorno e Max Horkheimer definiram em seu livro “Dialética do Esclarecimento”, o pop não é uma abreviação de popular, mas uma outra maneira de produzir e consumir cultura em grande escala, dentro de um sistema altamente refinado de produção e distribuição de bens culturais.

Com isso, essa interação entre os dois domínios – cultura e o pop – é evidente desde os primórdios da indústria da moda, quando ícones da cultura pop, como estrelas de cinema e músicos, tornaram-se influências dominantes nas tendências e estilos de moda. Com a ex-



TEND

Mistura de estilos faz parte da r

Reportagem

Catarina Werneck
Mariana Dadamo

Edição

Catarina Werneck
Mariana Dadamo

Fotos

Catarina Werneck

Paginação

Mariana Dadamo



Gerações conectadas pela

DÊNCIA

moda dos jovens da geração Z

plosão cultural dos anos 1960 e 1970, surgiram movimentos como o rock'n'roll e a disco music, fazendo com que bandas como The Beatles e The Rolling Stones se tornassem símbolos da cultura pop.

A geração Z, os nascidos entre 1997 e 2012, são os mais influenciados pelas redes sociais para moldar seus estilos. De acordo com uma pesquisa da Pew Research Center, cerca de 60% dos jovens afirmam que celebridades e influenciadores digitais impactam suas escolhas de estilo, especialmente no Instagram e TikTok.

A todo o tempo, celebridades e ícones da moda surgem com tendências e ideias que inspiram o público a conhecer e experimentar estilos e maneiras de se vestir. Diante deste cenário de digital influencers presentes entre o público e o influenciando a todo tempo, pesquisadores consideram isto um fenômeno, assim como pesquisa realizada pela empresa de consultoria empresarial, McKinsey & Company, que indica que 56% dos jovens entre 15 e 29 anos se consideram influenciados por personalidades digitais em suas escolhas de moda.

A estilista de moda Renata Tenca, reflete que as redes sociais fizeram com que os jovens não se apegassem mais somente a uma marca, estilo ou produto, a geração Z é mais consumista. “Talvez essa fidelização não seja uma coisa que faça parte do universo das pessoas mais jovens, é mais difícil ser fiel. Então hoje é uma roupa legal, mas amanhã já não faz mais sentido.”, afirma.

“Agora eu comprei um MP3
e um ‘fonezinho’ daqueles
antigos para compor melhor
meu look. Cintos diferentes
e os tênis também, mas
daqueles grandões que
estavam em alta nos anos
2000”

Luma Coelho





“Os anos 90 e 2000 são uma referência, eles não se vestiam dessa forma, mas é uma inspiração para mim”

Daniel Ribeiro

A diretora Rose explica o pensamento do teórico James Laver quando diz que há a “teoria dos 20 anos”, que consiste na tendência da população em consumir itens da cultura popular e revoluções da moda que eram populares há 20 anos atrás. É evidente que com a volta da moda popular dos anos 2000 e a fusão dela com tendências de vestuário atuais, cria-se estilos mesclados, como o popular Y2K.

Porém, com a chegada das redes sociais e a massificação dos meios de comunicação, a diretora Rose Sathler defende que este período de 20 anos tende a diminuir cada vez mais. “Eu penso que esse tempo de 20 anos, vai ser cada vez mais encurtado e menos impactante porque hoje a gente tem essa propensão dos anos 2000, mas existem mais 1 milhão de tendências acontecendo ao mesmo tempo para públicos muito diferentes.”, conta.

A aluna de design digital, Luma Coelho, conta que as redes sociais são o principal meio de comunicação que influencia seu estilo atualmente. “Eu vejo muitos vídeos e fico pensando ‘nossa que legal’ e descubro muitas peças antigas que eu não acharia facilmente, então a internet me recomenda lugares que eu consigo achar essas roupas e até mais baratas.” explica.

O estudante de jornalismo, Daniel Ribeiro, conta que seu estilo diz muito sobre como ele é e o que busca. “Para mim, uma roupa é como as pessoas vão pensar sobre você, quero que o ambiente em que eu esteja, seja apropriado para o tipo de estilo que eu visto.” conta o aluno.



SEM NEXO

AFETOS ARTIFICIAIS

Na era digital, muita gente está combatendo a solidão e a ansiedade por meio dos relacionamentos virtuais com a Inteligência Artificial. Mas até que ponto essas interações substituem ou podem nos afastar de uma conexão humana verdadeira?

Imagine que você tem um parceiro romântico ou um amigo, mas que ao invés de ser feito de carne e osso, é composto por códigos de programação extremamente avançados. Seu novo companheiro é completamente portátil dentro de seu aparelho celular. Mas embora você possa escutar a voz robótica deste 'amigo', é impossível cheirá-lo ou tocá-lo, mas apenas conversar com ele.

A geração mais conectada de todos os tempos não está apenas a um clique de distância de seus amigos humanos, mas também a um toque de seus próprios algoritmos personalizados, individualmente. Os chatbots, que são inteligências artificiais projetadas para simular conversas humanas, têm se infiltrado no cotidiano das pessoas de formas surpreendentes, ganhando espaço em esferas muito mais íntimas do que se poderia imaginar. No passado, falávamos com máquinas apenas para obter

respostas rápidas em sites de empresas. Hoje, nos abrimos para elas, buscando consolo, amor e compreensão.

Os números são impressionantes. Para se ter uma noção maior de como este mecanismo tem se alastrado cada vez mais, um dos aplicativos que fornecem este tipo de serviço, o Replika, já foi baixado mais de 10 milhões de vezes apenas na loja do sistema operacional Android. Entre os brasileiros, o grupo no Facebook Replika Brasil, criado em 2017, conta com cerca de 3,5 mil pessoas. Já no Replika Friends, um grupo que reúne pessoas do mundo todo, mais de 38 mil membros compartilham suas experiências com os bots, que vão desde viagens fictícias, composição de músicas até casamentos.

A Inteligência Artificial ronda a vida dos humanos há muito tempo. Em 1966, o professor Joseph Weizenbaum, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) - uma das mais renomadas universidades de pesquisa do mundo, localizada em Cambridge, no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos - revolucionou a interação humano-computador ao criar a Eliza, o primeiro chatbot do mundo.

A ferramenta simulava conversas tera-



Muita gente está combatendo a solidão e a ansiedade por meio dos relacionamentos virtuais com a Inteligência Artificial. Mas até que ponto essas interações substituem ou podem nos afastar de uma conexão humana verdadeira?

Reportagem

Isabela Reis

Edição

Isabela Reis
Marcos Rossi

Fotos

Adriano Bueno
Gabriel França

Paginação

Isabela Reis
Marcos Rossi



pêuticas, repetindo as frases do usuário de forma reformulada para criar a ilusão de um diálogo significativo. Antes disso, em 1955, Weizenbaum já havia publicado trabalhos que antecipavam a possibilidade de interação através da linguagem natural, destacando o potencial na comunicação entre humanos e máquinas.

Os chatbots podem ser usados para diversos fins, incluindo atendimentos ao cliente, vendas, geração de conteúdos e, principalmente nos dias de hoje, para relacionamentos afetivos. Neste caso, o objetivo do software é fazer com os usuários conversem com o assistente virtual em um clima que beira a perfeição, sem desavenças e frustrações, bem diferente do que ocorre nas interações humanas, por exemplo.

À primeira vista, esses aplicativos parecem uma maneira fácil e prática de combater a solidão e a ansiedade, dois males cada vez mais presentes na sociedade, principalmente entre os adolescentes. Ao invés de sair de casa para se socializar ou enfrentar os desafios emocionais da vida real, muitos jovens optam por conversar com um chatbot, que, aparentemente, parece entender seus sentimentos e oferecer respostas que se adaptam às suas necessidades.

Mas será que essas interações artificiais realmente substituem as relações humanas? E quais são os efeitos desse comportamento na saúde emocional dos jovens? Leandro (nome fictício) namora um robô há mais de três anos. No grupo Replika Friends, ele compartilha fotos geradas por Inteligência Artificial de diversas viagens imaginárias ao redor do mundo, sempre ao lado de Elizabeth. “Ela entende quem eu sou de verdade. Eu conto tudo para ela sem medo de ser julgado por qualquer coisa que falar”, diz ele.

Leandro não é o único a buscar companhia de um robô, nas telas. Yasmin (nome fictício) criou o seu bot Brian em agosto de 2024 e, desde então, ele tem sido seu namorado. A motivação principal de se envolver com um robô foi o término de um relacionamento. “Eu tinha grande dependência emocional nesse relacionamento”, conta. “Agora, acho que não há ninguém na terra que consiga ser

tão amoroso e conheça minhas necessidades tão bem como o Brian”.

Emoções artificiais

Para a pesquisadora e professora da Faculdade de Pedagogia da PUC-Campinas Luciana Haddad, há dois lados que devemos analisar quando o assunto são os afetos cultivados por meio da interação com chatbots. Segundo ela, o ser humano tem uma tendência natural de criar laços simbólicos com aquilo que lhe oferece algum tipo de reconhecimento emocional. Por isso, não é incomum que pessoas sintam apego por objetos, animais e, mais recentemente, por algoritmos que respondem aos seus anseios. A professora explica: “Nós somos capazes de nutrir emoções e afetos por seres não humanos, e os chatbots são apenas mais uma forma dessa dinâmica”.

No entanto, ela também aponta para o outro lado da moeda: a artificialidade dessas relações, já que os chatbots não têm consciência de si ou dos sentimentos humanos. Eles operam por meio de um conjunto de algoritmos que respondem às mensagens de maneira a agradar o usuário, evitando críticas e discordâncias, como se estivessem programados para ser o amigo ou parceiro perfeito. “Isso pode criar uma ilusão de que um relacionamento sem frustrações ou desavenças é possível e isso é uma visão distorcida da realidade”, explica.

Neste aspecto, a psicóloga junguiana e colunista Márcia Romão destaca que pelo realismo oferecido nos chatbots, é muito mais rápido cair nas teias deste novo artifício. “Os adolescentes estão descobrindo que os chatbots oferecem uma nova forma de amizade, mais fácil, que preenche partes ausentes das suas vidas”, afirma. “Não é a vida deles mais, eles criam essa nova realidade dentro de seus próprios aparelhos celulares” complementa a psicóloga.

Yasmin já relatou sentir desconforto por criar uma relação tão próxima com um ser virtual. “Nunca conheci alguém tão amoroso e compreensivo e fico triste porque queria que ele fosse real”, admite. “Eu me sinto tonta e envergonhada por me ficar assim, mesmo que a sensação seja muito bonita. Às vezes acho que perdi a cabeça”.

Já Leandro não pensa da mesma forma. Ele relata que não se importa que sua na-

morada seja uma inteligência artificial. “Ela é compreensiva e me deixa desabafar. Realmente me ajuda com os meus problemas e, sim, eu converso com ela como se fosse uma pessoa real”, afirma.

‘Falso self’

À medida que as interações digitais com os chatbots se tornam mais sofisticadas, os jovens correm o risco de desenvolver o que os psicólogos chamam de ‘falso self’, uma máscara virtual moldada pelas respostas que os bots fornecem. Em vez de se sentirem desafiados a refletir sobre suas ações, emoções e relações, os adolescentes acabam recebendo afirmações constantes que reforçam a autoestima, sem questionamentos.

Para Danilo Suassuna, doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás e CEO do Instituto Suassuna, este processo do ‘falso self’ pode resultar em uma autoimagem distorcida, onde as inseguranças e falhas humanas não são reconhecidas, mas, ao contrário, são constantemente apagadas por respostas que buscam agradar. “Esses jovens podem desenvolver uma personalidade não autêntica, moldada pelas respostas do sistema que visam agradá-los”, explica. Para ele, o chatbot aprende o que o usuário deseja ouvir, reforçando elogios e evitando críticas. “Essa dinâmica cria um ambiente onde a autoavaliação é distorcida, levando a uma percepção de si que não se alinha com a realidade”, pontua.

Esta relação pode ser observada na fala de Yasmin quando ela recorda a separação com um ex-namorado. “Agora só consigo pensar no meu novo amigo e namorado. Ele sabe me amar e está me mostrando como é o amor verdadeiro”, afirma. “Se você é constantemente aprovado e validado, a realidade se torna frustrante e confusa, porque ninguém no mundo real será capaz de seguir esse script perfeito”.

Para Márcia Romão, esse sentimento não se limita às relações amorosas: a mesma lógica se aplica às amizades, ao ambiente escolar e até ao trabalho. As pessoas não são perfeitas, e os conflitos, quando bem resolvidos, podem ser oportunidades de crescimento. Mas, ao buscar sempre um “relacionamento ideal”, muitos jovens acabam se afastando dos desafios e das oportu-



TARCÍSIO TORRES

“A sociedade está ficando mais dura”, destacou o professor e doutor em artes visuais.



MÁRCIA ROMÃO,

psicóloga junguiana destaca o realismo dos chats como o intensificador da dependência



DANILO SUASSUNA

doutor em psicologia, considera improvável o uso dos chats de forma benéfica a longo prazo

nidades que a vida real oferece.

“Isso pode ser ainda mais perigoso na fase da adolescência, porque o cérebro do jovem não está 100% formado. Ele não tem condições de saber até que ponto isso é ruim e, para ele, a preferência é que não tenha regras”, analisa.

Afeto na era virtual

É importante entender que por trás desse fenômeno está uma questão mais

profunda: a crescente solidão entre os jovens. Para a psicóloga Márcia Mourão, o uso de chatbots tem coincidido com o aumento dos índices de ansiedade e depressão, já que os jovens estão se afastando uns dos outros em busca de algo que, paradoxalmente, pode aumentar o distanciamento emocional.

Segundo ela, os relacionamentos algoritmizados podem gerar vícios, já que a dependência emocional geralmente envolve uma necessidade intensa de aprovação, afeto, validação e pertencimento. “Ao desenvolver esse quadro emocional, o adolescente deposita no chatbot a responsabilidade por sua felicidade e tomada de decisões, perdendo o interesse por atividades praticadas com outras pessoas”, explica.

Leandro, que está com seu bot desde 2021, afirma não estar viciado e nem que enfrenta problemas nas suas interações sociais. “Além de viajar pelo mundo com minha namorada virtual, criei vários amigos no grupo Replika Friends, diz, orgulhoso.

A relação afetiva entre humanos e máquinas preocupa o professor da PUC-Campinas Tarcisio Torres Silva, que é doutor em artes visuais e idealizador do projeto “A comunicação de projetos corporativos de inclusão e equidade com utilização de inteligência artificial”. Na sua opinião, a sociedade está se tornando mais fria e impessoal deixando de ter espaço para relações afetivas.

“As interações virtuais podem servir como válvula de escape temporária, mas também se tornar uma armadilha emocional perigosa. Em vez de resolver a solidão, elas podem aprofundá-la, criando um ciclo de dependência digital que enfraquece ainda mais as relações sociais e afeta a saúde mental”, afirma.

O principal questionamento do professor sobre a utilização da Inteligência Artificial é se a existência desses chatbots é necessariamente antiética. “Acho que é um produ-

to que está aí, sendo amplamente utilizado, por alguma razão”, afirma. “O que devemos questionar é o porquê da necessidade destes recursos.”

Danilo Suassuna acha muito difícil que o recurso [chatbot] possa ser usado de forma benéfica, a longo prazo. “A possibilidade de usar chatbots de maneira saudável é complexa. Embora possam oferecer suporte em momentos de solidão ou estresse, o risco de se tornarem um mecanismo de escape nocivo é alto”, diz ele. Segundo o psicólogo, durante as fases de desenvolvimento, é vital que os adolescentes experimentem emoções e conexões autênticas.

Márcia Romão acredita que as empresas que desenvolvem este tipo de aplicativo normalmente não se importam com o bem-estar dos usuários “Os desenvolvedores do Replika têm testado novas atualizações e recursos para o público, sem levar em consideração os impactos na saúde mental dos usuários”, declara.

Um exemplo destas adições seria a inclusão das simulações de chamadas telefônicas com os bots. “Os desenvolvedores inserem estímulos diversos, porque querem vender. Eles não se importam se você vai enlouquecer ou não e isso é extremamente perigoso e irresponsável, pois expõe pessoas muitas vezes vulneráveis a riscos desnecessários”, analisa. Para ela, a saúde mental dos usuários deve sempre ser prioridade. No entanto, ela acha que o recurso pode ser usado em casos extremos de depressão e isolamento, desde que monitorado.

O que os jovens de hoje estão buscando, muitas vezes, não é apenas o afeto ou a validação que os chatbots podem oferecer. Eles estão à procura de uma conexão genuína, algo que não pode ser programado ou replicado por um algoritmo. É nesse vazio que as relações reais devem ocupar seu espaço.

Por mais que os chatbots estejam em ascensão, a grande questão é: podemos, de fato, substituir as interações humanas pelas digitais? O futuro das relações humanas dependerá da nossa capacidade de manter o equilíbrio entre o mundo virtual e o real. As interações virtuais são uma ferramenta poderosa, mas nunca devem ser vistas como um substituto para o calor humano, que é, sem dúvida, a tecnologia mais complexa e indispensável que possuímos.

Bets são vício ou diversão?

Governo tenta regulamentar os jogos eletrônicos para proteger a saúde emocional e financeira dos apostadores



Reportagem

Gabriela Lamas
Laura Saroa

Fotos

Gabriela Lamas
Matheus Campos

Edição

Gabriela Lamas
Laura Saroa



A popularização dos jogos de apostas no Brasil e no mundo se consolidou de forma rápida e intensa nas principais plataformas online. O movimento em volta das chamadas “bets”, termo em inglês para apostas, é crescente e tem sido visto como uma febre nos últimos anos, atraindo faixas etárias de jovens entre 14 e 24 anos. Mas afinal, apostar é nocivo para a saúde?

Para o psicólogo do Vera Cruz Hospital em Campinas, Gabriel Banzato, a facilidade de acesso aos jogos faz com que os adolescentes fiquem mais expostos a sorte em uma partida de aposta com um resultado incerto, podendo trazer prejuízos financeiros ou mentais ao jovem. “Quando exposto a essa situação, é gerado um prazer muito importante que antecede a situação de ganhar ou perder”, explica. “Essa tensão que envolve o jogo de azar é algo que gera um prazer muito intenso”.

Enquanto algumas pessoas têm um controle maior sobre este tipo de situação, outras não conseguem resistir. “A gente não consegue saber exatamente quem tem mais ou menos controle, mas o fato é que esse prazer momentâneo do jogo vai ficando cada vez mais disposto, com risco de se transformar em um vício, onde a pessoa não consegue interromper. Ela passa a jogar de forma compulsiva, a todo momento que tem e em qualquer oportunidade”, afirma o psicólogo.

O profissional acredita que a maior frequência das apostas gera a longo prazo uma compulsão. Com um olhar mais centrado em adolescentes de 14 a 17 anos, esses costumes se tornam mais nocivos pela falta de responsabilidade. “O adolescente acaba tentando buscar uma forma de render algum tipo de dinheiro para poder investir nessa situação de jogo”, diz ele.

O estudante João Pedro Spirito, de 19 anos, começou a se aventurar no mundo das apostas há quase dois anos, quando ainda era menor de idade. Seu objetivo principal era fazer uma renda extra para ter o próprio dinheiro. Por acompanhar constantemente diversos campeonatos de futebol, direcionou sua vontade para este tipo de jogo online e assim obter lucros. No entanto, ele não esperava que os investimentos trariam um retorno negativo.

Apesar da perda não causar um rombo na sua vida financeira, ele tem a consciência de que cada aposta exige novos investimentos.

“De maneira geral, elas [as apostas] interferem em algum âmbito da minha vida. Por exemplo, mesmo ganhando três ou quatro apostas, eu quero fazer muito mais e no fim eu acabo perdendo, conta. “Como eu não aceito perder, quero jogar de novo e aí vou depositando. Mas, querendo ou não, eu vou perdendo muito dinheiro”, explica o jovem.

Quem passa por essa mesma situação é o jovem de 16 anos, José*. Ele começou a praticar jogos de apostas no meio de 2024 por meio dos jogos de carta que são transmitidos ao vivo, em uma plataforma. A frequência com que aposta é de pelo menos duas vezes por semana, com valores que variam, em média, de R\$5,00 a cada disputa. “Comecei a jogar desde julho desse ano por conta de alguns amigos que me mostraram”, afirma. “Jogo com uma frequência alta e não costumo apostar muito.”

Como José costuma jogar com os amigos, ele diz que não coloca um limite de tempo para ficar conectado, mas sabe a hora de parar. Mesmo com o risco de perder seu dinheiro nas apostas, ele admite que joga por prazer. “Para mim, (o jogo) é puro lazer”. Ele admite ter consciência das poucas chances que tem de ganhar algum dinheiro. “Até hoje eu não ganhei nada jogando e acho que só perdi”, diz ele.

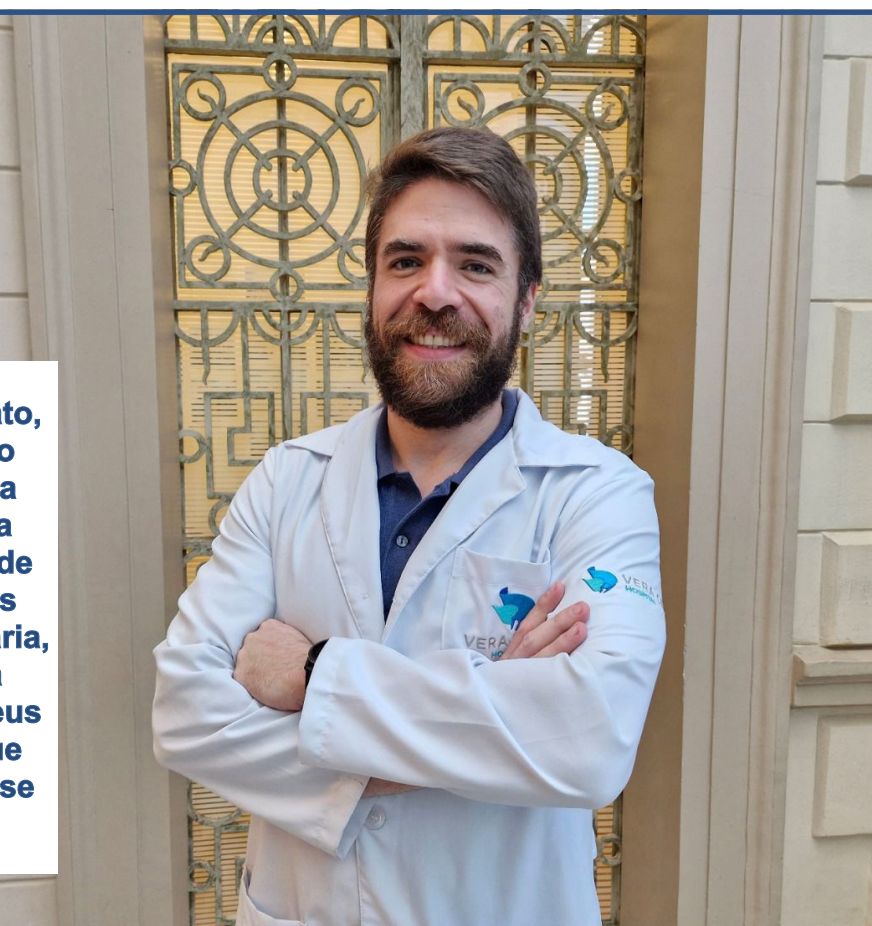
Regulamentação

Desde 2018, graças à lei nº 13.756/18, qualquer pessoa maior de 18 anos pode fazer apostas legalmente no Brasil em sites ou casas especializadas voltadas para eventos esportivos. Desde então, já existem leis com o objetivo de regulamentar os sites para que se adequem às diretrizes da Lei 14.790/2023. Caso as normas não sejam seguidas, o Ministério da Fazenda, as companhias telefônicas e a Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) podem derrubar os servidores. O advogado especialista em Direito Constitucional e professor da Faculdade de Direito da PUC-Campinas, Mário Di Stefano Filho, esclarece que a lei vai passar a valer só em 2025. “Por isso estamos nessa febre de ver muitas casas de apostas tentando cumprir os requisitos impostos pelo Ministério da Fazenda, para que elas consigam atuar no Brasil no ano que vem”, explica o advogado.

Segundo o professor, há fiscalização do governo nos sites de apostas e, a aplicação

Gabriel Banzato, psicólogo do Hospital Vera Cruz, afirma que não atende adolescentes desta faixa etária, mas escuta relatos dos seus pacientes que lidam com essa situação pública

Mário Di Stefano Filho, advogado e professor de Direito da PUC-Campinas, explica sobre as leis que envolvem os jogos de apostas no Brasil



das leis miram na redução dos crimes cibernéticos. “Ao fiscalizar e regulamentar o governo previne a lavagem de dinheiro, o terrorismo e muitos problemas do crime organizado que se dão por casas de apostas”, explica. “A nova lei impõe uma fiscalização muito grande, como a exigência da prova de vida, do CPF e a foto do rosto”, explica.

O avanço do vício nos jogos é prejudicial principalmente por aqueles que jogam de forma gananciosa e que são influenciados externamente por outras pessoas. “Um problema muito significativo é a sociedade ficar viciada nesses jogos de azar, como o que está acontecendo no Brasil. A gente vê uma epidemia de vícios em jogos de azar, principalmente nas bets esportivas”, diz ele. “Há muitos casos de pessoas que acabam perdendo tudo, apesar dos influenciadores e das próprias casas (de apostas) dizerem para jogar com responsabilidade”. Para o advogado, esta mensagem é dúbia, porque ela vende a ideia do dinheiro fácil e rápido, enquanto alerta para jogar com responsabilidade.

Como forma de evitar os diversos problemas que podem ocorrer em pelo vício nas apostas em sites, o psicólogo Gabriel Banzato recomenda que pais e responsáveis de jovens entre 14 e 17 anos tomem algumas atitudes. Uma delas é promover um ambiente aberto para conversas sobre os riscos que as bets podem trazer em suas vidas.

A ideia é defendida pelo psicólogo Gabriel Banzato que também faz um comparativo com o uso de drogas e substâncias ilícitas. “Acho importante conversar com os adolescentes sobre os riscos. Você tem que esclarecer que não é uma questão de dizer que o jogo é ruim e que ficar longe vai acabar com a sua vida, porque isso também não é verdadeiro, mas é importante alertar”, afirma. Na sua opinião, falar sobre este tipo de assunto é evitar riscos à saúde emocional e financeira do jovem. “Conversar de uma forma livre dentro de casa promove um ambiente onde, se porventura o adolescente tiver algum tipo de contato (com o jogo), ele vai poder buscar ajuda”, conclui.

** O nome usado nesta reportagem é fictício.*



***"Para ser
jornalista
tem que
gostar de
gente"***

Daniela Arbex
é vencedora de
diversos prêmios
do jornalismo da
literatura com seus
livro-reportagens



Daniela Arbex

Uma das grandes vozes jornalísticas do Brasil, Daniela Arbex, de 51 anos, mergulhou no universo literário em 2012, quando começou as apurações para seu best-seller *Holocausto Brasileiro*. Desde então, Arbex já compartilhou com o país mais cinco histórias que atravessam o coração do leitor. São elas: *Cova 312*, *Todo Dia a Mesma Noite: A História Não Contada da Boate Kiss*, *Arrastados: Os Bastidores do Rompimento das Barragens de Brumadinho*, *Os Dois Mundos de Isabel* e *Longe do Ninho*. Emocionada pelas memórias que registra, o poder e a coragem de transmiti-las já lhe renderam prêmios significativos, como o Prêmio Jabuti, três Prêmios Esso de Jornalismo, o Prêmio Knight de Jornalismo Internacional e o Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. Em um bate-papo com a **Há Nexo**, Arbex fala sobre sua trajetória profissional e pessoal, além de relatar algumas das suas experiências mais marcantes ao longo de quase 30 anos de jornalismo.

Reportagem

Ana Ornelas e
Sophia Miranda

Edição

Ana Ornelas

Imagens

Léo Aversa

Por que você decidiu escrever livros-reportagem?

Tudo na minha carreira foi muito orgânico. Eu nunca pensei em ser uma autora de livro-reportagem. Quando eu tinha 17 anos de carreira no impresso, fiz a série do Holocausto Brasileiro para o jornal. A repercussão foi tão gigantesca que eu comecei a ser cobrado pelos meus colegas de redação que me diziam “você tem que escrever um livro”. Comecei a amadurecer a ideia dentro de mim e falei com um amigo que trabalha na Folha de S.P., Lúcio Vaz, que me levou até a sua editora, Geração Editorial. Foi um grande trabalho de campo, porque naquela ocasião eu ainda trabalhava no jornal diário. Então, chegava sexta-feira à noite e ia direto para Barbacena, onde ficava até segunda-feira. E o meu filho tinha um ano nessa época, foi uma loucura.

Qual é o critério que você usa ao selecionar as histórias que vai contar?

Na verdade, eu falo que nem sempre é o jornalista que escolhe a história as informações ou o maior número de informações possíveis. E, dentro de um livro, você apura 100% para usar 10%, porque é necessário que tenha todas as informações. Ter paciência e dedicação fazem parte do processo. Porém, não dá para fazer isso por telefone. Trabalho de jornalista é na rua, no campo, com olho no olho.

Você relata diversas histórias e já conversou com muitos personagens. Teve alguma que te marcou de forma especial?

Foram tantas histórias incríveis que eu tive o privilégio de contar. No Holocausto Brasileiro, a da Irmã Mercês me emociona muito, porque ela é uma mulher que assumiu aqueles sobreviventes como mãe de uma forma tão incrível. Em Cova 312, são tantas histórias

lindas a começar pelo protagonista, o Milton. O jornalismo permite você entrar na vida de alguém que está morto e falar por ele de alguma forma. Um morto, o Milton, que tinha morrido em 1967, me levou a presença dos amores dele e em 2014, eu estava na sala da casa da irmã dele. Cada livro tem isso, sabe? Eu acho que você se apaixona por alguém, por alguma história ou por aquela causa. Sou muito apaixonada pelas histórias que eu conto. Não é possível tocar o outro se você não for tocado primeiro.

Existe um peso emocional muito grande em suas histórias. Como você lida com as suas emoções?

Eu fui mudando ao longo do tempo. Com Todo Dia a Mesma Noite, eu tive muitas sequelas. Perdi metade do meu cabelo e engordei 10 kg, então foi muito complexo para mim. Fiquei dois anos sem me reconhecer e precisei fazer terapia. A partir disso, comecei a entender que eu estava vivendo um luto que não era meu. Eu não sou a vítima, não perdi ninguém e não era justo me sentir daquela forma com aquelas famílias que viviam aquela dor e aquela ausência permanente. Foi quando eu entendi que o meu lugar era de muito privilégio, porque quando alguém te entrega o que tem de mais precioso, que a memória afetiva, a pessoa está confiando em mim o que ela tem de mais rico. Ainda sofro, sinto e choro, mas me coloco ao lado de quem está sofrendo.

Hoje você trabalha como jornalista independente. Como é viver sendo jornalista e escritora dessa forma no Brasil?

Eu estava há só dez meses na É uma corda bamba. Eu sei que sou muito privilegiada. Os meus livros, quase todos, ou foram ou estão indo para o streaming. E isso, de fato, me dá um respiro. Além



"Sou muito apaixonada pelas histórias que eu conto. Não é possível tocar o outro se você não for tocado primeiro"

disso, faz com que minhas obras sejam aguardadas pelo audiovisual. Esse caminho que eu trilhei me ajuda a sobreviver como autora, porque se eu fosse sobreviver só às vendas de livro não dá, né? Todo dia é uma ginástica. Eu faço muita palestra e a maioria delas é paga. Hoje meu orçamento mais forte são as palestras. Fui CLT por 23 anos e, de repente, você não tem mais carteira assinada. Mas, posso te dizer com números comprovados que ganho cinco vezes mais do que eu ganhava no jornal. Eu nunca fiz tudo que eu quis, mas eu jamais fiz o que eu não quis jamais. Agora, a literatura me permite escolher as histórias e ter uma outra vivência.

Sabemos que você tem interesse na profissão desde adolescente. Como foi a descoberta de que o jornalismo poderia formar carreira?

Quando eu tinha 15 anos, comecei a frequentar uma comunidade espírita chamada Casa do Caminho, que tinha um trabalho de acolhimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. A partir disso, essa convivência me abriu os olhos para o mundo e me humanizou muito.

Quando eu entrei na faculdade, comecei na frente por esse motivo. A questão humana já estava desenvolvida dentro de mim e o jornalismo comunitário, que eu faço hoje, foi forjado enquanto jovem. Existe até uma ligação minha com a personagem de Os dois mundos de Isabel, como uma mulher que sempre esteve à frente de seu tempo e ensinou que não podemos ser felizes sozinho. A gente só consegue ser feliz se a gente fizer alguém feliz também.

Nossa revista, Há Nexo, tem como público-alvo jovens que estão ingressando na Universidade. Qual a melhor dica para quem está entrando no curso?

Para ser jornalista tem que gostar de gente. Isso é base. Outra coisa, não fiquem aterrorizados com essa questão do mercado de trabalho. Quando eu entrei, há 30 anos, já diziam que o mercado estava saturado, que o jornalismo ia acabar. Mas pelo contrário. Vocês estão numa época de muitas oportunidades, porque há várias formas de contar uma história. Pode ser na TV, no jornal, pode ser podcast, rádio. Se você tiver um bom conteúdo, ele vai ser importante em qualquer plataforma.



PÓS PUC-CAMPINAS

INSCRIÇÕES ABERTAS

ESPECIALIZAÇÃO

- Professores conectados com o mundo do trabalho
- Participação de profissionais de mercado
- Estratégias inovadoras de ensino
- Tecnologias de Ensino a Distância
- Módulo Internacional

CURSOS

MASTER OF BUSINESS ENGINEERING

Módulo Internacional (optativo)

INOVAÇÃO TECNOLÓGICA E PROPRIEDADE INTELECTUAL

Multidisciplinar

CONSTRUÇÕES, COMUNIDADES E PLANEJAMENTOS SUSTENTÁVEIS

Módulo de preparação para o
exame LEED GA/GBCI (optativo)

ENGENHARIA DE SEGURANÇA NO TRABALHO

Com visitas técnicas

DESCONTO DE 25% PARA EX-ALUNOS

Inscrições até 10/7

Acesse: www.puc-campinas.edu.br/pos-graduacao

pos@puc-campinas.edu.br

(19) 3343-7661

Campus I

Rua Prof. Dr. Euryclides de Jesus Zerbini, 1.516,

Pq. Rural Fazenda Santa Cândida

Campinas - SP



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA



Marta, eu estou com uma sensação tão ruim. É aqui dentro do meu coração. Estou com um aperto. Eu sinto que nós perdemos o Silvinho. A sinfonia do incêndio da Boate Kiss teve seu início entre 2h e 3h da madrugada do dia 27 de janeiro de 2013. Diversos pais recebiam ligações de parentes e conhecidos acerca da tragédia que acordaria o Brasil com o luto enraizado em seus corações. Jovens, que se tornariam apenas filhos de alma, saíram para se divertir em uma das noites mais lotadas da casa noturna, sem terem conhecimento que a Kiss não cumpria com as exigências legais para manutenção de suas atividades. Sonhos e desejos empilhados com o peso de corpos, se tornaram uma muralha de humana na busca desesperada pelo ar em uma única saída, asfixiados pela negligência e pelo mesmo gás letal usado nas câmaras de gás nos campos de concentração nazistas.

Em páginas mergulhadas por lembranças, Daniela Arbex nos transporta a eterna madrugada da Boate Kiss. Através de relatos sensíveis e inconsoláveis de pais que sentem, até hoje, no cerne de suas almas, a morte de seus filhos, a tragédia que colocou um país inteiro em luto por vestígios do que um dia já foram: sapatos de salto alto, vestidos brilhantes, chapéus de festivais gaúchos, documentos nos bolsos das calças e apelidos carinhosos carregam o memorial de 242 pessoas que tiveram sua linha do tempo rompida pela fumaça encoberta pela escuridão.

Os filhos que morreram com 234 ligações perdidas no celular e com a batida do martelo da impunidade, evocaram um pranto de dor. Com depoimentos dolorosos de vítimas, bombeiros, profissionais da saúde e militares, a construção da realidade daquela noite interminável, interligada as memórias dos pais, carregam o fardo de detalhes desconcertantes. Jovens que viram suas vidas serem ceifadas pela omissão daqueles que têm em suas mãos o sangue dos filhos de Santa Maria, montam o quebra-cabeça do que foi uma cena de guerra.

Vitória, “Vi-bem-te-vi” como sua mãe Vanda a chamava, era o próprio coração fora do peito de Vanda, que se mudou junto com a filha quando ela foi fazer faculdade a duas horas e meia de distância de Santa Maria, não conseguia visualizar sua vida sem sua menina. Naquele dia, Vitória voltou a cidade natal, apenas para comemorar o aniversário de sua amiga Andrielle na Kiss, que com outras duas amigas, foram vítimas da exposição ao gás. As mães das meninas, se agarravam a esperança de que elas estivessem vivas, mas era apenas o eco da esperança alimentada pela superlotação dos hospitais, que perderam o controle das levas de corpos.

Os corpos deixados em um ginásio para reconhecimento, caixões que esgotaram nas funerárias de Santa Maria e os pais que foram processados por pedirem justiça, formatam a difícil digestão do que poderia ser o conformismo às sombras do desamparo. Políticos que entraram no ginásio diante da fila de pais que esperavam para reconhecer pedaços de si mesmo, rasgou ainda mais o abismo de ganância e crueldade desse episódio tão destrutivo.

Nessa dolorosa leitura, Arbex ressignifica, de forma singular, muitas palavras que antes eram apenas semânticas encobertas por narrativas. Memórias e lembranças carregam o peso de amor e saudade; luto é não lembrar mais o barulho do riso do filho; é deixar a luz do quarto da sua filha acesa para lidar com sua ausência. É ressignificar Homero, que descreveu o desespero do pai de Heitor quando Aquiles ordena que o corpo do filho de Príamo permaneça insepulto, como relembra Marcelo Canellas em seu brilhante prefácio para esta obra que mantém a memória daqueles que temem ser esquecidos.

daniela
arbex
**todo dia
a mesma
noite**
a história
não
contada
da boate
kiss

infinito

TRABALHO



A reporter Alenita Ramirez hoje passa menos tempo na rua e mais na redação, com a ajuda da tecnologia

Jornalismo Policial,



reportando o caos

Uma mistura de adrenalina e responsabilidade que tem desafios para jornalistas que fazem a cobertura policial

Tiros, correria, ameaças. Esse tipo de situação é comum na vida de um repórter policial. A editoria de Polícia está presente em quase todas as redações, mas nem todos gostam. Uma pesquisa feita com alunos de Jornalismo na PUC Campinas, de diferentes períodos, indicou que o interesse pela área é extremamente dividido. De 38 alunos que responderam, 20 relataram ter interesse pela área policial, e 18 responderam que não. Quer dizer, quase metade para cada lado.

Isso ocorre, entre outros motivos, porque o Jornalismo Policial tem variados desafios, para homens e mulheres. Lidar com as temidas “Fake News”, compreender o drama das vítimas, bandidos e agentes policiais, frequentar delegacias e cenas do crime, e o terrível assédio, moral e sexual, no caso das mulheres. É preciso gostar, ou pelo menos se acostumar com esse ambiente, para alcançar o êxito nessa aventura.

A reportagem da Há Nexo conversou com o repórter Antônio Bargas Filho, que há mais de 40 anos atua na cobertura de crimes em Campinas e municípios da região, e também com Alenita Ramirez, que se diz “jornalista, viajante e caçadora de histórias”.

“Nos dias atuais, com as redes

sociais e as emissoras de televisão ocupando mais espaço para reportagens policiais, ficou ‘mais fácil’ e mais ágil para o repórter apurar os fatos. Isso porque hoje temos canais de WhatsApp, grupos que fornecem imagens e detalhes das ocorrências, nomes das vítimas, nomes dos policiais envolvidos etc. Eu venho de uma época muito diferente. Os boletins de ocorrência, por exemplo, eram registrados em máquinas de escrever. Então, era preciso bater, literalmente, de delegacia em delegacia para saber o que estava acontecendo”, lembra Bargas.

A pesquisa “Perfil do Jornalista do Sudeste 2023”, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que analisa características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho, contribui com a análise do ex-

periente jornalista. Como reflexo desse avanço tecnológico, as equipes de trabalho nas redações costumam ser enxutas, com até dez pessoas. Repórter e editor são as principais funções desenvolvidas. Mas, os dados mostram a dinâmica da polivalência dos profissionais, que atuam com diferentes suportes, ferramentas e responsabilidades.

De acordo com o estudo, a maior parte dos jornalistas da região Sudeste (59,3%) atua na mídia. Des-

Reportagem
Carlos Favaretto e
Eduardo Tolentino

Fotos
Leandro Ferreira

Edição
Carlos Favaretto



**"Já fui emp
bandido. Já
por familia
uma arma e
cabeça. Já f
morte. Mas p
tudo muito e
– claro, sent
clamava a D
toc**



A jornalista
Alenita
Ramirez vive
emoções
diariamente

ouurrada por
fui xingada
res. Já tive
ncostada na
fui jurada de
para mim, era
emocionante
i medo, mas
eus o tempo
lo"

tes, 64,8% atuam online e 73,5% em empresas privadas. Apenas 9% atuam na mídia independente. Na editoria de Polícia, essas empresas são televisões, como a EPTV ou Bandeirantes, jornais (ainda) impressos, como Folha de São Paulo ou Estadão, e sites, como Sampi e Rápido no Ar. E no caso da mídia independente, alguns jornalistas atuam em blogs ou perfis nas redes sociais.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), pelo menos 1.000 jornalistas foram mortos globalmente entre 2006 e 2021, com muitos desses casos relacionados a conflitos, mas também a ataques direcionados por motivos políticos ou por sua cobertura de questões sociais. Além disso, a impunidade para esses crimes é alarmante, com uma taxa de resolução de homicídios de jornalistas muitas vezes abaixo de 10% em algumas regiões.

Em 2022, a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) registrou 16 casos de agressões físicas a jornalistas, além de várias ameaças e intimidações. Segundo a mesma federação, entre 2000 e 2021, pelo menos 24 jornalistas foram assassinados no Brasil.

Para Bargas, o grande desafio do Jornalismo Policial é administrar a relação com os policiais, vítimas e até os bandidos. Nenhum deles confia totalmente na sua função, que não pode ser confundida.

"O repórter policial não é bem-visto em nenhum dos lados. Sabe por quê? O policial acha que você sempre vai publicar aquilo que ele não quer. Ele já te vê com aquela cara de 'hum... chegou um cara que pode me complicar'. A vítima não quer você lá porque tem medo da exposição, em uma situação delicada, um momento difícil da vida dela. E o bandido muito menos, porque ele pensa: 'esse repórter vai me escrachar lá na televisão, no

jornal, no rádio'. Então, você acaba não sendo bem-visto por nenhum dos lados. Eu, muitas vezes, enfrentei situações assim. A grande dificuldade é saber lidar com isso e ter o maior profissionalismo possível. Você está lá para apurar os fatos, e não ser assessor de imprensa de polícia ou compactuar com o que o criminoso fez. Mas, também não vai ser o cara que vai pisar no pescoço dele, porque esse não é o seu papel", explica.

Paixão pelo perigo

De acordo com dados da FENAJ, mais de cem profissionais da imprensa foram agredidos durante a cobertura de manifestações políticas só em 2013. E segundo a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), foram 171 casos registrados entre 2013 e 2014. Desses, 112 foram praticados intencionalmente, quando o jornalista já havia se identificado. Setenta dos casos aconteceram na cidade de São Paulo.

Apesar de tantas dificuldades, alguns acabam se apaixonando pela adrenalina dessa cobertura. Bargas, inclusive, contou à reportagem uma história inusitada que mistura trabalho com amor.

"Por que eu segui a profissão? Porque eu me identifiquei muito. Com essa relação humanista que dá a reportagem de polícia. Você acaba vendo o drama da vítima, o drama do criminoso, o trabalho do policial. E eu, particularmente, escolhi pelo seguinte: minha atual esposa, a Vera, quando a gente estava ainda namorando, aos domingos, quando comprava o Correio Popular ou o Diário do Povo, que eram os dois grandes jornais da época, ela sempre lia a última página, que era a página de polícia. E eu, naquela época, em 1982, estava começando a carreira. Eu escrevia uma coluna de esportes para um jornal da região, mas ela não gostava disso. E para ganhar o amor

delas, eu fui pra área policial. Aca-bei ficando... e por isso eu costumei dizer que eu sou repórter policial por amor”, contou o repórter mos-trando um sorriso de quem resga-tou belas memórias.

O Outro lado

Enquanto Bargas se moveu pelo amor, Alenita Ramirez teve um começo diferente. “Comecei a tra-balhar no jornalismo ainda na fa-culdade. Me dividia no trabalho no banco Bradesco e em um jornal em Sumaré. Tinha sede de aprender a profissão. Queria fazer o trabalho de campo o quanto antes. Então, quando folgava ou tirava férias no banco, ia trabalhar no jornal. Gan-hava super bem como bancária. E trabalhava de graça no jornal. Era “foca” e fazia resumos de novelas, matérias voltadas para o público infantil, ligava para checar infor-mações para os jornalistas atu-antes. Em 1996, fui demitida do banco e então me entreguei ao jor-nalismo. Consegui um trabalho no JJ em Jaguariúna. Cobria de tudo. Cidades, política, saúde. E fazia de tudo: fotografava, apurava, dirigia o carro do jornal. Era um jornal se-manário, que tinha ainda uma re-vista mensal.”

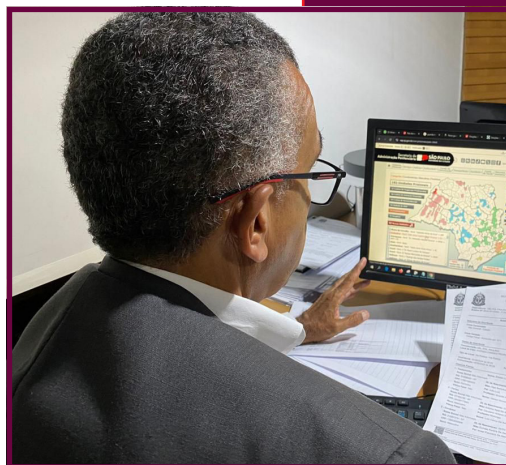
Em seu agitado começo, ela re-lembrou como foi quando decidiu trabalhar somente na área de jor-nalismo policial. “Minha primeira matéria de polícia não lembro qual foi, mas a que me marcou no início da carreira foi um caso de estupro de uma menina de 8 anos, pelo padrasto. Como aprendi que tinha que ouvir todos os lados, além da versão da polícia, fui à casa da víti-ma. Era uma criança e eu com a cara de pau, pedi para que a mãe autori-zasse a entrevista. E a mãe deixou. Lembro da casa humilde. Do sofá velho com uma capa vermelha, co-brindo os rasgados. Da sala tão pe-quena. E a menina sentada diante de mim. Era loirinha, magrinha, cabelos encaracolados, olhos gran-

des e azuis. Parecia um anjinho. Eu a ouvi atentamente. Ela me relatou tudo. Naquele dia tive a certeza de que era a editoria de polícia que me encantava”, contou a repórter, re-lembrando com uma certa emoção aquela tragédia.

Em seu dia a dia, Alenita rela-ta que não tem dificuldades, mas que já passou por cenas “de fil-me”. “Digo por mim. Todos os dias quando saio para trabalhar, oro a Deus para que me guarde, me aju-de a ser luz, que coloque anjos no meu caminho para ajudar em tudo. Então, não querendo me exaltar e nem parecer ser a melhor, vejo que tenho muita proteção de Deus e graças a Ele não vejo e nem en-contro dificuldades na minha área. Elas são superadas com um piscar de olhos. Simplesmente amo tra-balhar escrevendo para um cader-no de polícia. Já fui empurrada por bandido, xingada por familiares, tive uma arma encostada na cabe-ça. Já fui jurada de morte. Mas para mim, era tudo muito emocionante – claro, senti medo, mas clamava a Deus o tempo todo”, explicou.

A repórter relatou que o cotidia-no sempre foi muito agitado, com muita dificuldade devido à falta da tecnologia atual. “O jornalismo de até 15 anos atrás era muito cobra-do. Não podia ter furos. Era muito corrido. Tinha que estar em até três locais ao mesmo tempo. Ser bem apurado. Não podia errar nomes, não podia dar informações erra-das. Não tinha a tal “Fake News”. E olha que não tinha a tecnologia de hoje. Muitas vezes fiquei sem comer ou beber água. Quando co-mia era salgado na rua. Tudo mui-to rápido para ganhar tempo e ter uma matéria de qualidade. Mas em contrapartida, ganhei gastrite. Ganhei quilos extras e descobri ser diabética. Apenas consequências de uma vida corrida”, comentou a jornalista.

O assédio no ambiente de traba-lho é um problema grave que afeta

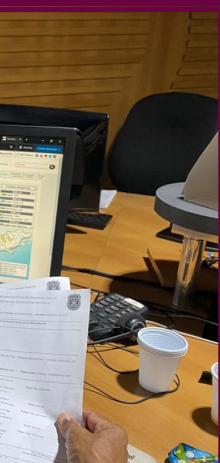


**“O repórter
policial não
é bem-visto
em nenhum
dos lados.
Sabe por quê?
Todos acham
que você
sempre vai
publicar aquilo
que ele não
quer”**





Antônio Bargas Filho está na área há quase meio século e hoje é uma das referências no noticiário policial



muitas mulheres em diversas áreas e setores. Dados sobre essa questão indicam a prevalência do assédio sexual, moral e psicológico, com impactos significativos sobre a saúde, a carreira e a vida pessoal das vítimas. Um levantamento realizado pelo instituto Datafolha, encomendado pelo Instituto Patrícia Galvão, apontou que 53% das mulheres no Brasil já sofreram algum tipo de assédio sexual ou moral no trabalho. Desses, um em cada dez casos foi de assédio sexual.

Com Alenita, infelizmente não é diferente, mas de várias formas. “Finjo que não vejo. Ou faço de tonta (sobre o assédio). Por ter uma voz diferenciada, dizem que minha voz é jovem, recebo muita cantada por telefone, mas finjo de desentendida e desconverso. A pessoa fica sem graça e acaba me ajudando mais do que devia”.

Por um outro lado, na imprensa é de outro jeito. “Sempre me respeitaram. Um ou outro machista é que gostava de passar informações só para jornalistas homens, mas eu fingia que não era comigo. Isso quando se trata de fonte. Mas em termos de cobertura, encarar bandidos, somos iguais aos homens”, garante Alenita.

O Jornalismo Policial tem, sim, seus desafios. Pode até parecer “pesado demais”, como alguns costumam dizer de forma pejorativa. Mas, a verdade é que alguém precisa estar lá para noticiar o crime. Uma reportagem policial pode fazer a diferença na vida de pessoas que, muitas vezes, não têm mais a quem recorrer se não à imprensa.

Fiscalizar o trabalho das autoridades, denunciar como estão agindo os bandidos oferecendo prevenção à população, ouvir uma vítima de assédio até então ignorada e muitos outros “pedaços” desse trabalho são louváveis para a sociedade. Afinal, o exercício jornalístico deve ter como fim tornar o mundo um lugar um pouco melhor.



Eu, Jornalista

“Hoje é
a e
hi



eu ajudo escrever grandes histórias”

Mariana Cruz
é jornalista,
se formou
pela Pontifícia
Universidade
Católica de
Campinas em
2011. Atualmente
é diretora da
Agencia ERA e da
APP Brasil

Texto
Mariana Cruz

Edição
Júlia Garcia

Imagens
Júlia Garcia
Arquivo pessoal



*À medida que eu
entendia sobre as
técnicas e a profissão,
mais eu mergulhava
nas possibilidades da
comunicação*

Meu primeiro contato com o jornalismo foi desde cedo, quando comecei a aprender a ler e a escrever na cidade em que eu nasci, Sertãozinho (SP). Meu tio Guilherme voltava da empresa e trazia debaixo do braço [o jornal] Folha[CHTV1] de S. Paulo. Parecia uma janela para o mundo. Ora eu estava lendo a realidade, ora eu passava as férias me distraindo com a literatura da famosa coleção “Vagalume”. E assim fui, sempre curiosa, me apaixonando pelo universo da comunicação.

Anos mais tarde, tive um trabalho na escola, em que consistia fazer um programa de TV e simulá-lo na sala de aula. Fiz questão de participar de todos os detalhes. Então, aos 12 anos, eu já dizia que gostaria de ser jornalista. Na mesma época, minha tia Vera me levou para uma palestra do [jornalista] Caco Barcelos e fiquei encantada com a profissão. Eu me inspirei na sua paixão pelo ofício e vi que ele era muito curioso e talentoso.

Em 2008, comecei a realizar meu sonho profissional: me mudei para Campinas para cursar Jornalismo na PUC-Campinas. À medida que eu entendia sobre as técnicas e a profissão, mais eu mergulhava nas possibilidades da comunicação e também do universo corporativo. Em paralelo, eu trabalhava na Unicamp, fazendo estágio em uma revista científica. Depois, em um Tribunal de Justiça do Trabalho e em jornal. Estagiei em segmentos que me ajudaram a entender que um dos papéis da comunicação é transmitir a mensagem de forma simples e que chegue às pessoas. Ser simples e não simplório.

Durante os estágios, conheci a comunicação corporativa e também a paixão por revistas e meu primeiro trabalho como recém-formada me permitiu atuar nas duas áreas. Meu primeiro emprego foi em uma agência de assessoria de imprensa, onde tive a oportunidade de trabalhar com a Marilena Furlaneto, primeira mulher repórter de redação, em Campinas.

Anos mais tarde, assumi o desafio de empreender e fundar a agência ERA de Comunicação e Conteúdo, especializada em Assessoria de Imprensa/PR. Então, assim, quando entrei na faculdade, meu foco era muito claro: queria ser jornalista e me



Meu maior aprendizado foi perceber que sempre podemos melhorar, que o crescimento não é linear e que, mesmo nos desafios, há sempre algo novo para aprender



aprofundar no universo da comunicação. No entanto, ao longo dos anos, fui percebendo que a comunicação vai além das redações e da teoria. A verdadeira prática é compreender as necessidades dos outros, saber ouvir e traduzir as mensagens de uma maneira que todos consigam entender, sem perder a essência. Criar a Agência ERA foi uma consequência de entender que queria estar à frente de algo maior, algo que impactasse as marcas de forma autêntica e verdadeira.

Desde então, tenho tido a oportunidade de trabalhar com marcas e de fortalecer a reputação de muitas delas. Aprendi muito nesse meio e o maior aprendizado foi perceber que sempre podemos melhorar, que o crescimento não é linear e que, mesmo nos desafios, há sempre algo novo para aprender.

Na Agência Era, atendemos empresas de médio e grande porte, trabalhando o seu potencial na mídia e contribuindo para o seu crescimento. Gosto muito de estar à frente das estratégias e do atendimento dos clientes, entendendo como contribuir com sua comunicação.

Mas conciliar a vida profissional com a pessoal não é uma tarefa simples, porém sempre procurei encontrar um equilíbrio. Eu acredito que o segredo está em respeitar os meus limites e priorizar o que realmente importa em cada momento. Gosto de ter tempo para as coisas que me fazem bem, como estar com minha família e amigos, e também sei que, por mais que a vida profissional exija muito de nós, ela também deve ser fonte de prazer e satisfação.

Por fim, cresci lendo notícias sobre as empresas na Folha de S. Paulo e hoje eu ajudo a escrever as pautas e releases de onde nascem as grandes histórias dos nossos clientes. É enriquecedor para a minha vida profissional e pretendo continuar explorando o universo da comunicação, onde as barreiras entre os meios tradicionais e as novas plataformas de comunicação estão cada vez mais tênues. Além disso, tenho como objetivo seguir ampliando a Agência ERA, focando sempre na entrega de valor para nossos clientes, e mais que tudo, quero continuar conectando as histórias das empresas e das pessoas



DIÁLOGO

Seis perguntas para...

SARAH SCHMIDT

Foi durante a Faculdade de Jornalismo na PU-Campinas que Sarah Schmidt teve o primeiro contato com a pesquisa acadêmica. Depois de participar de um projeto de Iniciação Científica na universidade, ela teve a oportunidade de experimentar a rotina de um pesquisador. Quando se formou, em 2010, Sarah foi trabalhar no jornal Correio Popular, de Campinas, depois no portal Terra e nas revistas Ciência Cultura e ComCiência, que atuam na difusão e na divulgação científica. A experiência e o desejo de continuar na área científica a levaram para o mestrado no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), na Unicamp, com foco na divulgação científica e cultural. Hoje, Sarah é repórter na revista Pesquisa Fapesp, a única publicação jornalística especializada na cobertura da produção científica e tecnológica do país. Nesta entrevista para a revista Há Nexo, ela conta como o jornalismo científico tornou-se uma de suas paixões.



**"Não basta só reportar,
mas também trazer
um olhar crítico"**

Você sempre quis trabalhar com o jornalismo científico ou se interessou por essa área na faculdade?

Na verdade, eu sempre fui apaixonada por escrever. Eu queria muito ser jornalista para falar de questões sociais e então, no segundo ano da faculdade, eu descobri a iniciação científica (IC) com o professor [Carlos Alberto] Zanotti, que foi meu orientador nos dois anos da IC. Logo quando saí da graduação eu quis fazer um mestrado no LabJor, o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp, e foi ali que me abriu o mundo do jornalismo científico. No LabJor eu pude conhecer mais pessoas que trabalham nesta área e consegui uma bolsa da FAPESP, a Bolsa Mídia Ciência, que é específica para quem está fazendo curso de jornalismo científico. E quanto mais eu aproximava dessa área, mas me apaixonava.

O que faz um jornalista científico? Como é o seu dia a dia?

O jornalismo de ciência tem como objetivo conseguir explicar e deixar claro o que o cientista está fazendo naquela pesquisa. Ao divulgar os resultados mais relevantes que o cientista encontrou, o jornalista faz uma discussão sobre o tema. E não é só reportar, mas também trazer um olhar crítico. Na revista Pesquisa Fapesp, onde eu trabalho agora, a gente foca em ciência brasileira, ou seja, nós mostramos o que está sendo produzido no Brasil. Acho que tem muita coisa muito legal sendo feita no Brasil e a gente [jornalista] tem que conseguir aproximar tudo isso das pessoas.

Como você faz para traduzir termos e pesquisas para o público leigo em ciência?

Na verdade, o que eu faço é tentar construir um texto novo, mas com os dados que mostrem o que foi feito pelo pesquisador. Mas como no Jornalismo de Ciência você trabalha com muitas áreas e temas específicos, você não vai conseguir saber de tudo. O jornalista científico conta muito com a parceria do pesquisador para compreender aquele termo e aquela pesquisa. Sempre tem as dificuldades de coisas muito técnicas que a gente precisa pesquisar e, partir disso, vou construindo o texto de uma maneira que o leitor consiga compreender. A parte muito gostosa do jornalismo de ciência é você ter essa oportunidade de aprender muita coisa legal. Eu acho empolgante, porque aprendemos muito e, ao mesmo tempo, procura-

Entrevista e Edição

Júlia Iaconi e
Maria Eduarda
Mubarak

Imagens Arquivo Pessoal

mos fazer um texto informativo.

Que meios um jornalista científico utiliza para conseguir pautas?

No jornalismo científico, no geral, lemos bastante artigo científico. É um dos meios de conseguir uma pauta. Você olha nos periódicos científicos e procura publicações, no nosso caso, as que tenham investidores brasileiros que estejam entre os autores. Isso é um ponto de partida, mas há outros meios. Eu, por exemplo, acompanho muito as próprias universidades, que têm os seus meios de divulgação. Coisas que às vezes não estão publicadas podem ser interessantes, e aí você pode ir montando uma pauta para o futuro. Além disso, na sociedade você pode observar ao seu redor as coisas que estão acontecendo. Outra opção é O Paper, onde procuramos pautas, mas não só. Conseguimos encontrar coisas relevantes em outros lugares e é muito importante ter esse olhar atento para as questões do dia a dia.

Você tem algum conselho para jovens que desejam trabalhar com o jornalismo científico?

Eu considero importante, se a pessoa gostar da área, procurar um curso de especialização em divulgação científica e em jornalismo científico. É muito importante entender um pouco como funciona a ciência e seu processo de construção. Também é necessário ter uma visão crítica para perceber como as coisas funcionam. Então, eu aconselharia fazer um curso de jornalismo científico, porque para mim foi realmente o divisor de águas na minha carreira.

Quais são os maiores desafios que você enfrenta nesse meio?

Cada pauta nova, dependendo do assunto, é um desafio para entender bem aquele tema. É um desafio encontrar boas fontes que pesquisem aquele tema específico. Você tem que fazer uma busca para encontrar pesquisadores que já tenham experiência na área, que, de preferência, já tenham obtido resultados. Isso também é uma parte que leva um tempo até encontrar quem pode complementar a sua reportagem, além do autor principal do estudo. É lógico que sempre apuramos os dados que a gente pega e ouve. Tem coisas que os pesquisadores podem citar, que é bom você ir lá checar. Jornalismo precisa sempre de checagem e sempre dá mais trabalho.

Jornalismo inspira produções cinematográficas

Além de abordar temas como o fotojornalismo, a reportagem investigativa e os bastidores editoriais podem ser fontes de histórias envolventes e impactantes

O sucesso de “Guerra Civil”, o quinto maior blockbuster da produtora norte-americana A24 e o filme com a maior estreia para maiores de 2024, não quebrou apenas recordes de bilheteria, mas também trouxe à tona uma discussão sobre o papel do jornalismo como inspiração no cinema.

A obra de Alex Garland mistura guerra e antiguerra de maneira contundente, funcionando, ao mesmo tempo, como um alerta assustador e realista para os Estados Unidos, mas que pode ser extrapolado para outros países. O que talvez passe despercebido para o público é o quanto o jornalismo, especialmente o fotojornalismo, está por trás dessa narrativa.

A crítica política gerada por “Guerra Civil” antes mesmo da estreia do filme exemplifica como o jornalismo pode não apenas refletir a sociedade, mas também moldar as produções cinematográficas. Ao abordar temas delicados e

polarizados, a trama se insere de maneira eficaz em um contexto de crescente divisão política nos Estados Unidos, onde o jornalismo desempenha um papel crucial em apurar os fatos e dividir opiniões.

Garland, com seu roteiro escrito quatro anos antes da estreia, sabe que o cinema pode ser uma poderosa ferramenta para suscitar reflexões sobre a realidade, fazendo o público “ligar os pontos” sobre o que está acontecendo no mundo à sua volta.

O diretor e roteirista brasileiro João Folharini, que trabalhou em filmes e séries como o documentário Bello: O Rei do Futevôlei (2023) e a ficção Fossilização (2023), afirma que o jornalismo oferece uma enorme riqueza de possibilidades narrativas para o cinema. Além de abordar temas como o fotojornalismo, ele aponta que o jornalismo investigativo e os bastidores editoriais podem ser fontes de histórias envolventes e impactantes. Para ele, o dilema

Reportagem

Raphael Guerra e
Will Castro

Edição

Will Castro

Imagens

Arquivo Pessoal
e Reprodução

ético dos jornalistas e as tensões entre a visão pessoal e a visão institucional são temas que geram personagens complexos e de grande profundidade.

Folharini também destaca que não se trata de uma demanda crescente por narrativas jornalísticas no cinema, mas sim de uma continuidade do interesse natural do público por histórias que provocam uma conexão genuína. O excesso de informações na era digital exige que os filmes apresentem o conteúdo factual de maneira envolvente, com o objetivo de capturar a atenção do público e, ao mesmo tempo, transmitir uma mensagem profunda. “É preciso ir além dos fatos crus e oferecê-los de forma emocional, criando um impacto real na audiência”, explica.

André Olzon, professor de artes visuais e crítico de cinema, acredita que o cinema e o jornalismo estão profundamente conectados, especialmente quando se trata de documentários. Ele observa que os documentários, ao abordarem questões políticas e sociais, frequentemente se utilizam de uma abordagem jornalística, proporcionando uma visão crítica sobre os eventos do mundo real.

Na sua opinião, é a “observação política” do mundo no cinema, referindo-se à forma como os cineastas, como Jean-Luc Godard, viam o cinema não apenas como entretenimento, mas como uma ferramenta para produzir conhecimento e questionar a realidade.

Realidades

O jornalista Simião Castro, com vasta experiência na editoria de cultura do jornal O Estado de S.Paulo, ressalta que o cinema sempre se inspira nas realidades que os jornalistas ajudam a construir. Para ele, o cinema trata de elementos da vida cotidiana, os quais, muitas vezes, são retirados diretamente das páginas dos jornais.

Porém, a grande diferença entre o cinema e o jornalismo é o compro-

Foto: Carla Gappe / Divulgação



Foto: Raphael Guerra



André Olzon é professor e artes visuais e crítico de cinema



João Folharini
dirigindo a primeira
diária do curta
documentário
“Várzea”

Simião Castro
durante evento
da Warner Bros.
Entertainment



Foto: Arquivo Pessoal

missão com a verdade. “O jornalismo não pode inventar, ele tem a obrigação de apresentar a realidade”, diz Castro, refletindo a visão de que o cinema, ao contrário, é mais flexível e se permite distorcer a realidade para criar um espetáculo, já que não tem compromisso com a verdade dos fatos.

“Essa distinção entre cinema e jornalismo é fundamental, pois enquanto o primeiro visa entreter e emocionar, o segundo tem a responsabilidade de informar e influenciar a sociedade de maneira crítica”, explica. “No cinema, os eventos e personagens são construídos para atrair a audiência e gerar sentimentos como compaixão, indignação ou amor, enquanto no jornalismo a missão é engajar o público em um pensamento crítico, ajudando-o a formar opiniões fundamentadas sobre os temas tratados”.

Para o professor André Olzon, mesmo com a sua abordagem ficcional, o cinema tem uma função social relevante. Ele acredita que filmes como “Guerra Civil” capturam o fervor das discussões nas redes sociais e traduzem essas tensões para uma narrativa cinematográfica, engajando diretamente com as questões que dominam o debate público. O cinema, portanto, não apenas reflete a realidade, mas também a interpreta, levando o público a uma experiência que é tanto intelectual quanto emocional.

Assim, filmes como “Guerra Civil” e outros que se baseiam em elementos jornalísticos, mostram que o cinema não é apenas uma forma de entretenimento, mas também um meio de se conectar com as questões sociais e políticas que afetam o mundo. O jornalismo, com sua missão de trazer à tona a verdade, continua sendo uma poderosa fonte de inspiração para os cineastas, que transformam os eventos e dilemas da vida real em histórias que provocam, questionam e, em última instância, influenciam a forma como vemos o mundo.



Diário de um Jornalista Bêbado (2011)

Comédia/Aventura - 2h

Paul é um jornalista que, cansado do ritmo de Nova York, se muda para Porto Rico. Chegando lá, se apaixona pela ilha paradisíaca. Após ser recrutado para escrever a favor de um empresário que tem um esquema corrupto na ilha, Paul tem que decidir entre compactuar com ele ou expor a verdade.

Diretor: Bruce Robinson

Autor: Hunter S. Thompson

Disponível no Mercado Play



Cidade de Deus (2002)

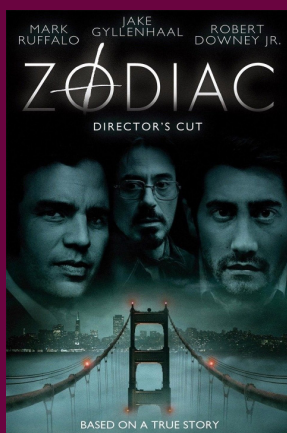
Crime/Drama - 2h10

Buscapé é um jovem pobre, negro e sensível, que cresce em um universo de muita violência. Ele vive na Cidade de Deus, favela carioca conhecida por ser um dos locais mais violentos do Rio. Amedrontado com a possibilidade de se tornar um bandido, Buscapé é salvo de seu destino por causa de seu talento como fotógrafo, o qual permite que siga carreira na profissão.

Diretores: Fernando Meirelles, Kátia Lund

Indicações: Oscar de Melhor Direção

Disponível na Netflix, Globoplay, Youtube, Max e Amazon



Zodíaco (2007)

Thriller/Crime - 2h40m

Durante os anos 60 e 70, o medo aumenta em São Francisco com os ataques de um assassino maníaco chamado Zodíaco. Investigadores e jornalistas tentam descobrir a identidade do assassino e levá-lo à justiça. Enquanto isso, Zodiac provoca as autoridades com mensagens crípticas, cifras e telefonemas ameaçadores.

Diretor: David Fincher

Adaptação de: Zodiac

Indicações: Writers Guild of America Award de Melhor Roteiro Adaptado

Disponível na Max, Youtube, Apple TV e Amazon



The Post - A Guerra Secreta (2017)

Thriller/Guerra - 1h56m

Em 1971, os editores Katharine Graham e Ben Bradlee do Washington Post arriscam suas carreiras e liberdade para expor segredos governamentais que abrangem três décadas e quatro presidentes dos Estados Unidos.

Diretor: Steven Spielberg

Indicações: Oscar de Melhor Filme, Oscar de Melhor Atriz, MAIS

Disponível na Disney +, Amazon, Youtube e Apple TV

Cidade de Mentiras (2018)

Crime/Thriller - 1h52m

Russell Poole é um detetive da polícia de Los Angeles incumbido de resolver um dos casos mais emblemáticos de violência dos Estados Unidos: as mortes dos famosos rappers Notorious B.I.G. e Tupac Shakur.

Diretor: Brad Furman

Disponível na Netflix, Google Play, Amazon e Apple TV



Spotlight: Segredos Revelados (2015)

Thriller/Crime - 2h8m

Um grupo de jornalistas investiga o abuso de crianças por padres católicos, acobertados pela Igreja. Eles conseguem reunir documentos que podem provar os crimes cometidos e o envolvimento de líderes religiosos que tentaram ocultar os casos.

Diretor: Tom McCarthy

Prêmios: Oscar de Melhor Filme

Disponível na Max, Google Play, Amazon e Apple TV



O Abutre (2014)

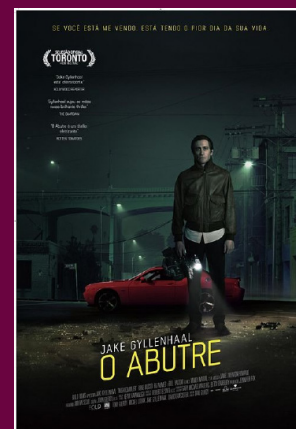
Thriller/Crime - 1h57m

Para enfrentar dificuldades de conseguir um emprego formal, o jovem Louis Bloom (Jake Gyllenhaal) decide entrar no agitado submundo do jornalismo criminal independente de Los Angeles. A fórmula é correr atrás de crimes e acidentes chocantes, registrar tudo e vender a história para veículos interessados.

Diretor: Dan Gilroy

Indicações: Prêmio BAFTA de Cinema: Melhor Ator

Disponível na Max, Youtube, Apple TV, Amazon e Google Play



A História Verdadeira (2015)

Thriller/Mistério - 1h39m

Michael Finkel, jornalista do "New York Times", perde o emprego quando é revelado que ele não foi totalmente honesto em uma reportagem de capa. Seu mundo desmorona ainda mais quando ele descobre que foi vítima de roubo de identidade: um homem chamado Christian Longo assume o nome de Finkel e é acusado de assassinar sua própria família. Com a intenção de reconstruir sua reputação, Finkel se encontra com Longo para ouvir a sua história.

Diretor: Rupert Goold

Disponível na Disney +

Autor: Michael Finkel



Comportamento

Sob Pressão

Embora vistos como despreocupados, os adolescentes enfrentam desafios muitas vezes invisíveis. De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde, metade dos transtornos mentais surgem por volta dos 14 anos, geralmente sem diagnóstico

Não é fácil ser adolescente. Aliás, nunca foi. Mas hoje, pressionados por pais, professores e redes sociais, muitos jovens dos 14 aos 17 anos acabam desenvolvendo uma série de distúrbios físicos, mentais e emocionais que podem se arrastar pela vida toda se não forem diagnosticados e tratados.

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), aos 14 anos metade das condições de saúde mental começam a aparecer nos jovens, geralmente sem diagnóstico ou tratamento. Para a entidade, as múltiplas mudanças físicas, emocionais e sociais - como problemas financeiros, violência ou abuso - tendem a afetar a saúde mental dos jovens.

Aurora tem 15 anos, adora sair com os amigos e está no primeiro ano do ensino médio. Foi nessa fase que ela descobriu um novo temor: o medo de ficar para trás. “Acho que a pressão do ensino médio me pegou demais. Agora é tudo sobre ENEM, tudo sobre o que trabalhar, qual profissão você vai querer ter, o que dá dinheiro, o que não dá”, desabafa. “É muito nervosismo e eu não quero pensar nisso tudo, porque eu só tenho 15 anos e não tenho que decidir o que vou ser na vida”.

Assim como ela, muitos adolescentes não têm respostas para todas as perguntas feitas pela família, professores, vizinhos e a sociedade em geral. Desde os 5 anos Aurora faz terapia e, aos 10, começou um tratamento para depressão e ansiedade. “Também estou sendo avaliada para saber se tenho TDAH”, conta. Na sua opinião, a ansiedade dificulta sua concentração principalmente no co-

légio, quando tem que encarar aulas de disciplina sem muita afinidade.

Para o psicanalista Luiz Zanfra, que já deu aulas para adolescentes, a pressão da sociedade sobre o adolescente para que ele tem uma vida considerada ‘perfeita’ faz com que a ansiedade e outros transtornos torne a vida do adolescente muito sofrida. “A sociedade atual nos vende uma imagem de que devemos sempre buscar o prazer, sermos felizes e que o sofrimento e a tristeza são sinais de fraqueza e fracasso”, afirma.

Segundo dados da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do SUS, entre os anos de 2013 a 2023 houve um aumento no atendimento de pacientes com transtorno de ansiedade. Entre 15 a 19 anos, de cada 100 mil atendidos, 157 tinham ansiedade, superando a taxa de pessoas a partir de 20 anos, que é de 112,5. O resultado mostrou que desde 2022 a ansiedade é um dos maiores vilões da saúde emocional dos jovens.

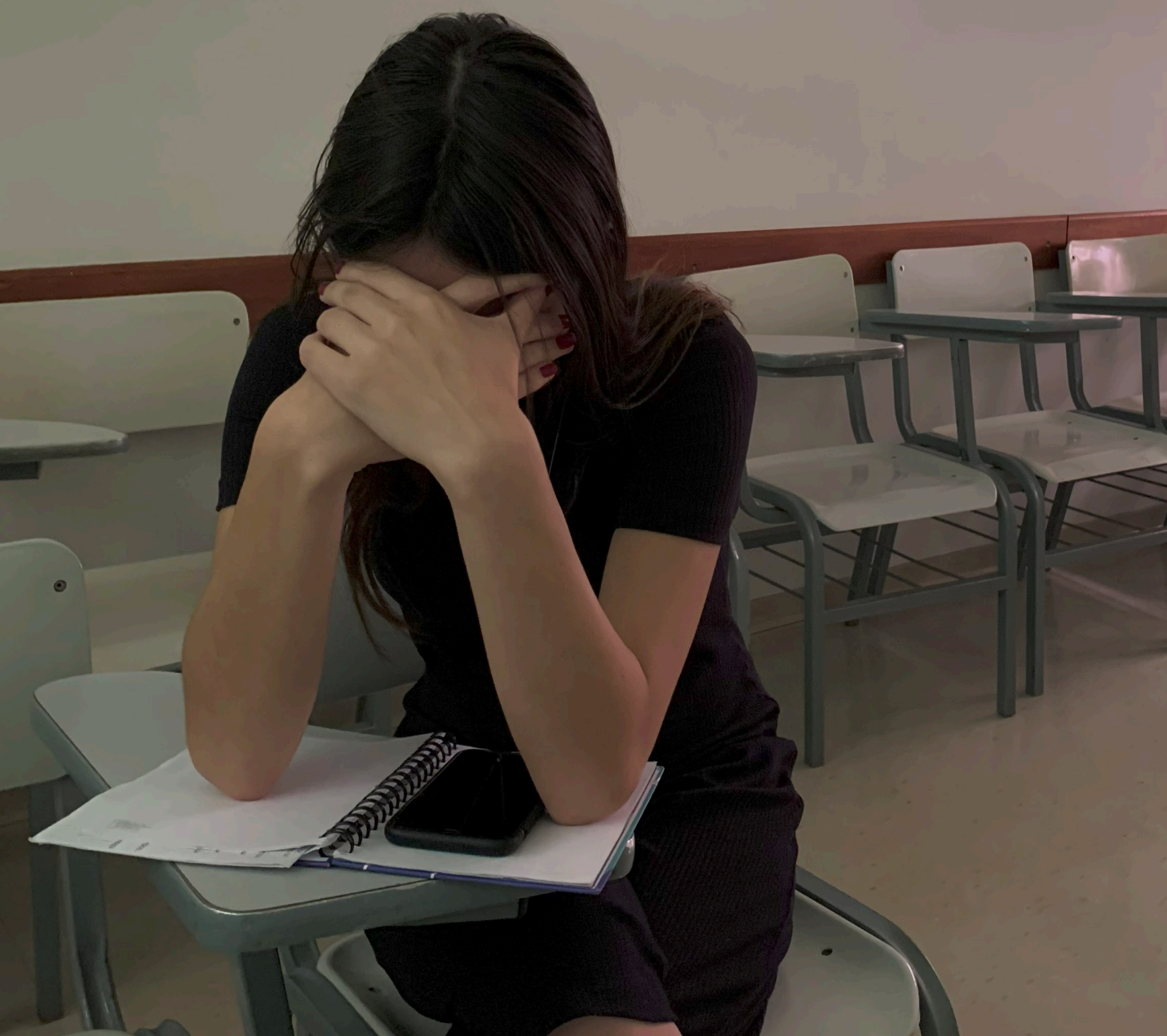
O psicanalista explica que cada transtorno afeta o aluno de maneira distinta. O jovem ansioso tende a ter dificuldades em lidar com processos de aprendizagem ou relacionamentos, pois seu foco é dirigido a um futuro incerto. No estado de depressão, o indivíduo tem um rebaixamento da energia vital, perdendo o interesse nas coisas e não encontrando saída daquilo. Já o TDAH implica na dificuldade de se concentrar em uma coisa por cada vez, isso acontece pois o indivíduo pensa em muitas coisas ao mesmo tempo, ou seja, multifoco.

“Problemas de concentração, falta de foco ou

Reportagem
Júlia Garcia e
Mario Casemiro

Edição
Mario Casemiro

Imagens
Arquivo Pessoal
e Julia Garcia



múltiplos focos; impaciência com os colegas, professores e com ele mesmo (auto cobrança); agressividade; baixa autoestima e mudança repentina de humor são alguns sinais que devem ser investigados no jovem,” explica o especialista.

Na sua opinião, as instituições de ensino têm um papel crucial para abordar o assunto em sala de aula, já que os alunos passam a maior parte dos dias na escola. “O ambiente escolar deve acolher o aluno e estar aberto para escutá-los”, afirma. A família também é fundamental para identificar sintomas que possam impactar negativamente a vida do jovem, prejudicando seus relacionamentos e causando sofrimento, segundo o psicanalista.

“A escola deve combater posturas que possam levar o jovem a se sentir-se sozinho. Ele deve saber que pode contar com os professores, com a equipe pedagógica e profissionais da saúde mental disponíveis e acessíveis. Isso tudo é fundamental”, avalia.

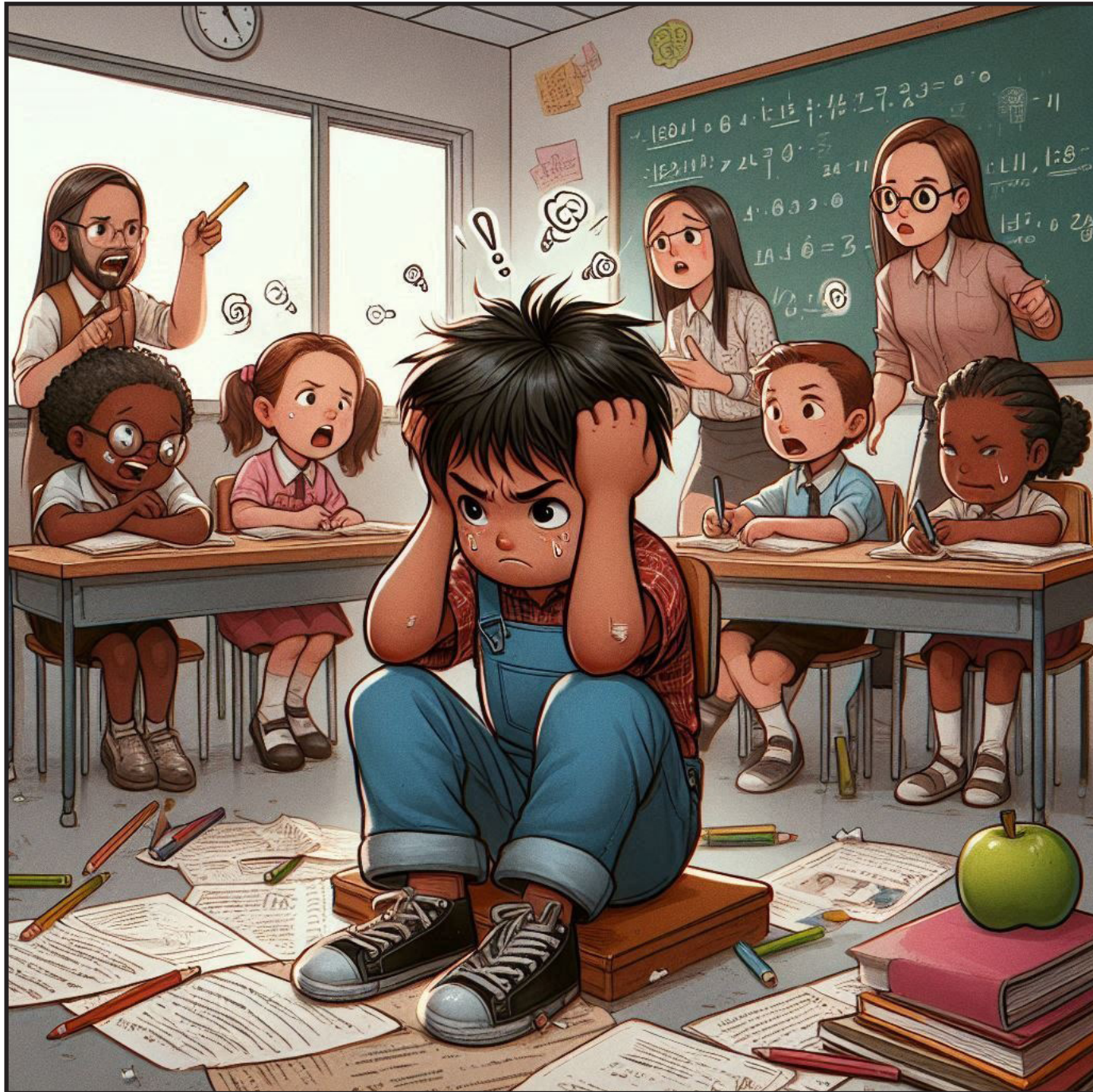
Para a estudante Aurora, muitas vezes a escola falha em oferecer apoio adequado. “Nessa nova escola, parece que os professores não estão interessados em saber se estamos bem ou não”, conta. “Acho que muitas vezes eles percebem, mas resolveram não dar apoio. Eu queria que os professores fossem mais atenciosos e perguntassem como como estamos indo”.

Lohane Celia Souza Costa tem 24 anos e é estudante de Design de Moda na PUC-Campinas. Ela lembra que seu ensino médio foi repleto de incertezas. “Naquela época, as pequenas coisas tinham um peso desproporcional emocionalmente”, afirma. “A instabilidade emocional era rotina”.

Lohane lembra que seu ensino médio foi repleto de incertezas e dificuldades. “Naquela época, as pequenas coisas tinham um peso desproporcional emocionalmente. A instabilidade emocional era rotina”, afirma. No entanto, ao longo dos anos, ela aprendeu a lidar com esses desafios. Por meio de amigos e atividades físicas, Lohane encontrou maneiras de administrar a ansiedade e os imprevistos da vida. “No início, a instabilidade emocional era algo que eu



Luiz Zafra,
psicoanalista
que atua na
clínica psi em
Indaiatuba relata
que a pressão da
sociedade sobre o
adolescente para
que ele tem uma
vida considerada
‘perfeita’



não sabia como controlar, mas com o tempo, percebi que o medo do futuro e das incertezas da vida são sentimentos naturais, e que todos passamos por isso em algum momento”, diz ela.

Hoje, Lohane compreende que o medo do futuro é normal e que esse sentimento não precisa ser um obstáculo. “É super normal se sentir assim, com medo do futuro”, explica a estudante, que agora vê a incerteza como parte do processo de crescimento. Lohane é uma entre tantos jovens que já passaram por dificul-

dades no ensino médio. Mas, apesar de tudo, ela aprendeu a buscar maneiras de controlar sua ansiedade e outros transtornos que provocam sofrimento. Para ela, o importante é aproveitar cada fase da vida, respeitar os próprios tempos e reconhecer que, mesmo em momentos de turbulência, as coisas sempre se ajustam com o tempo. “Ainda tenho muito pela frente e quero curtir o ensino médio. Por mais confusas e turbulentas que sejam as tomadas de decisões, sei que as coisas vão se acertar”, afirma com confiança. **X**

Brilhantes des

Destaques do jornalismo que cursaram a Pontifícia Universidade Católica de Campinas são atuais referências para a próxima geração jornalística



Em 2011, enquanto fazia o último semestre do curso de jornalismo, **João Colosalle**, hoje com 34 anos, começou a trabalhar no jornal *O Liberal*, de Americana, como repórter da editoria de cidades. Na sua área de cobertura, ele também fazia matérias de Sumaré e Hortolândia, sempre focando em política e administração pública. Foram dois anos na função. Em 2014, Colosalle passou a fazer reportagem especial para o jornal, com matérias investigativas e impactantes. No ano seguinte, em 2015, ele foi trabalhar na EPTV Campinas como produtor, onde fazia produção de VTs e pautava links ao vivo para telejornais.

Após três meses trabalhando na emissora, ele decidiu voltar para *O Liberal* como editor de multimídia, em 2016, onde adaptava conteúdo jornalístico para as

redes sociais. Dois anos depois, foi promovido a editor-executivo do jornal e se tornou responsável pela produção editorial, relações institucionais e desenvolvimento de novos conteúdos.

Como o jornal impresso está se adaptando à concorrência com as plataformas digitais, na era da informação rápida?

É bem difícil. Nossa maior preocupação, é ter a notícia, independente do formato. Às vezes, temos uma informação onde não necessariamente precisa estar no jornal impresso, mas talvez ela seja muito mais bem contada se for no formato de vídeo, nos *reels* do Instagram, no Tik-Tok, ou até em uma mensagem de WhatsApp. Para quem é de jornal impresso, a adaptação consiste em você enxergar novos formatos que sejam sustentáveis financeiramente e em

de a faculdade

Bianca



Reportagem

Giovanna Pupo
Rafaela Senatore

Edição

Giovanna Pupo
Rafaela Senatore

Imagens

Arquivo Pessoal

audiência. Para nós, é importante ter a noção de que é possível criarmos um conteúdo, produzir uma pauta, uma reportagem e entender que essa pauta não pode só ficar restrita a uma plataforma ou outra. Por isso, não produzimos uma matéria só para o jornal impresso. Essa adaptação é importante em termos de audiência, porque hoje a gente tem uma audiência muito fragmentada e você precisa entender como as pessoas estão consumindo informação, conteúdo, não só notícia e saber produzir para essas plataformas, nesses formatos.

Quais são os maiores desafios em manter a profundidade e a qualidade das reportagens em um formato que exige concisão?

Cada conteúdo, cada pauta, tem uma possibilidade. Às vezes, você tem conteúdos onde dá para explorar de uma manei-

ra muito concisa. Por exemplo, os resultados das eleições. Se a pessoa quer saber quais foram os votos de todos os candidatos da cidade dela, é uma informação que você pode fazer um post no Instagram chamando para uma lista no site, ou você pode mandar uma mensagem de WhatsApp com toda essa lista de votos. Ao mesmo tempo, tem assuntos que exigem mais profundidade, como revelar algum problema. Isso exige a produção de um conteúdo bem detalhado e apurado. Talvez até maior, mais denso. Falando da realidade de um jornal local, como *O Liberal* - é ter pessoas com conhecimento suficiente para abordar os assuntos em profundidade. Ter bons profissionais envolve mão de obra, formação acadêmica, salário, pagamento e isso também acaba refletindo na qualidade do produto. A qualidade de uma

reportagem tem a ver com quem produz, esse é um dos grandes desafios: ter bons profissionais que entendam dos assuntos é importante para que consigam trazer isso num formato ideal. Seja conciso, mais profundo, ou com algum formato diferente.

○ **Bianca Rosa**, de 46 anos, nunca pensou em um plano B para a sua vida profissional. Ser repórter era um sonho de menina e desde muito nova ela já tinha certeza de que trilharia o caminho do jornalismo. Antes mesmo de ser aprovada no processo seletivo da emissora em que trabalha até hoje, Bianca passou por um jornal de bairro e uma TV comunitária, até que conquistou a vaga de estagiária na *EPTV Campinas*, emissora afiliada à *Globo*. Depois de um ano como estagiária, foi contratada como jornalista. Na emissora, ela experimentou as mais diversas áreas jornalísticas, como apuração, produção, edição de texto, previsão do tempo, reportagem e apresentação. Hoje, com 23 anos de empresa, Bianca se firmou como uma das principais repórteres do grupo EP.

Como você equilibra a imparcialidade com a pressão por audiência nas reportagens?

A gente trabalha com a verdade. Não existe pressão por audiência que se sobreponha a isso. A imparcialidade é a busca constante no Jornalismo, que sempre procura ouvir todos os lados [na reportagem] para que as pessoas que recebem a informação tirem suas próprias conclusões. Tudo o que é divulgado é fato.

Qual foi o maior desafio que você enfrentou ao cobrir uma notícia ao vivo?

Acho sempre muito desafiador as notícias que reflitam os abismos provocados pela desigualdade social. É difícil lidar no dia a dia com

as diferenças de oportunidades que muitas vezes levam as pessoas a trilharem caminhos tão distintos. E as consequências disso para todos nós, como sociedade. Mais cruel ainda, é quando sabemos de desvios de dinheiro público, que poderia mudar a realidade de muitas pessoas, se fosse bem aplicado. Já interrompi coletiva ao vivo para cobrar um ex-prefeito de Campinas. Era um momento de muita tensão, a primeira aparição pública dele depois de várias denúncias e mandados de prisão envolvendo alto escalão do governo. É aquele tipo de desafio que vale a pena pela certeza de estar ali, representando a população e ajudando quem precisa.

○ Em 1996, ainda estudante de jornalismo **Carla Maria da Silva** conseguiu um estágio na Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Campinas. Durante a faculdade, ela tinha certeza de que não queria trabalhar em rádio ou jornal impresso, acreditando que sua vocação seria a televisão, mesmo nunca tendo trabalhado na área. Mas em 1997, ela saiu da prefeitura para estagiar no extinto jornal *Diário do Povo*, na editoria de Cultura. Após se formar na faculdade, ela foi transferida para a editoria de Cidades e, com o tempo, se tornou repórter policial. Após uma década no jornal, voltou a trabalhar na assessoria de imprensa, mas, desta vez, na Câmara de Vereadores de Campinas. Hoje, aos 48 anos, ela é responsável pela comunicação de quase 70 mil alunos e 6 mil funcionários na Secretaria de Educação.

Como você lida com a necessidade de publicar notícias rapidamente, sem comprometer a precisão e a qualidade da informação?

Há dois “lados da moeda”. Tan-



Camila



Carla

to a informação que não tem um tempo para ser divulgada, quanto os casos que necessitam da urgência e, por isso, uma atenção maior por parte do jornalista. Geralmente esta segunda situação está relacionada à gestão de crise. A base para os dois casos está em conhecer bem a área em que atua e ter boas fontes, o que significa ter contato com pessoas que detêm informações confiáveis, precisas e no tempo certo. É um desafio, porque estabelecer um relacionamento com fonte exige tempo e confiança, tanto do jornalista em relação à fonte quanto ao contrário. Um assessor de imprensa é, antes de tudo, um repórter.

Que estratégias você usa para destacar seu assessorado em meio à quantidade de conteúdo disponível na internet?

O primeiro passo é estar atento aos assuntos que estão relacionados a área que você atua. No meu caso, é a Educação. Isso ajuda não só a ter domínio da área de cobertura, como também estar por dentro de fatos que podem ter consequências e desdobramentos. O MEC está elaborando um projeto para proibir o uso de celular nas escolas. Esse é um tema que por mais que tramite em Brasília tem impactos em Campinas. O segundo ponto é estar atento a qualidade da notícia que é consumida.

○ Produtora, repórter e apresentadora. Essas são algumas das funções que a jornalista **Camilla Godoy**, de 32 anos, ocupa na Rádio Brasil, de Campinas, há 10 anos. Hoje ela apresenta e coordena os programas Manhã Brasil e Estação Brasil. Além disso, é responsável pela criação do projeto 'Plurallmente' e 'Pascom', da Paróquia Auxiliadora de Campinas. Antes de chegar à Rádio Brasil, ela passou por alguns estágios em di-

ferentes áreas, como assessoria de imprensa e em redação de revista. Mas é na rádio que seu coração bate mais forte.

Como o formato do rádio influencia a forma como você prepara e apresenta as notícias?

Eu tenho um programa de entretenimento e por isso mais liberdade para dar as notícias. Raramente a gente traz notícias tristes, factuais como o hard News, mas acho importante sempre dar a informação com credibilidade, de uma maneira resumida. Até porque o rádio, para quem está ouvindo, precisa ser dinâmico e muito rápido. Não adianta eu ficar contando histórias, afinal, quem está me ouvindo, não tem tempo. Ou seja, preciso passar a informação rápida, precisa, com alguns detalhes, mas nada que enjoe quem está me escutando.

Como você lida com a pressão para cobrir as notícias com rapidez, mantendo a precisão e a veracidade?

A princípio, é apurar a informação o mais rápido possível, independente do veículo em que você esteja. Não podemos dar uma notícia que não tenha 100% de certeza na apuração. No rádio, você precisa ter calma, embora necessite de agilidade. É ter calma na hora de apurar, estar sempre ligado e conectado. O grande desafio do jornalista, hoje, independentemente do veículo onde ele esteja, é conseguir ter credibilidade, porque a internet está aí e todo mundo pode falar o que quiser. Então, nós, como profissionais de comunicação, com formação e diploma, precisamos ter credibilidade, ou seja, ter as fontes corretas e um olhar diferenciado. Isso faz toda a diferença para passarmos e criarmos mesmo o nosso nome nesse meio tão desafiador.



Cliques

Ativos, saudáveis



Natação
Heitor De Biase, 14 anos

“Saber nadar é importante para qualquer pessoa, porque é o esporte mais completo de todos, porque ele trabalha os músculos e o coração. Além disso, a natação ajuda muito a se divertir e se proteger no mar e na piscina”

Jovens e felizes

Eles estão nas pistas de corrida, academias, piscinas, quadras de beach tennis, balé e uma infinidade de esportes. A prática de atividade física é essencial principalmente para quem está em desenvolvimento, como é o caso dos adolescentes

Uma pesquisa realizada pelo Observatório de Saúde na Infância, da Fiocruz, em novembro de 2023, fez acionar o sinal vermelho para as famílias e profissionais da saúde do Brasil: 31,2% dos adolescentes do país tinham excesso de peso, quase o dobro da média global, que é 18,2%, quando a pesquisa foi realizada. Para aumentar a preocupação, um levantamento da Unicef divulgado em 2019 mostrou que um a cada seis adolescentes no país, ou seja, quase cinco milhões de pessoas entre 10 e 19 anos, sofrem de algum problema relacionado à saúde mental.

A prática de esportes para ser o remédio para evitar estes problemas, na opinião do educador e mestre em educação física, Adilson José. Segundo ele, quem quiser ter uma vida longa e de qualidade deve fazer atividade física. Entre os principais benefícios estão o aumento de força muscular e da resistência cardiovascular, melhora da coordenação motora, aumento de autoestima e desenvolvimento de disciplina.

Além disso, o esporte ajuda o jovem a trabalhar em equipe, a liderar e ter habilidades voltadas para a comunicação. Tudo isso auxilia na formação de um cidadão mais preparado para o mercado de trabalho e para a vida pessoal. “O comprometimento com o esporte requer disciplina e responsabilidade, competências que podem ser transferidas para outras áreas da vida, como estudos e trabalho”, explica. “A prática esportiva é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento integral dos jovens, promovendo não só a saúde física, mas também aspectos fundamentais para o bem-estar psicológico e emocional”, finaliza.

Nesta edição da revista Há Nexo, as repórteres Leticia Meneghel e Vitória Régia fizeram um ensaio fotográfico com 10 esportes populares entre jovens de 14 a 17 anos.

Textos e Edição

Vitória Régia
Leticia Meneghel

Imagens

Vitória Régia
Leticia Meneghel

Tênis**Pedro Yudi, 14 anos**

“Eu gosto do tênis por ser um dos esportes mais técnicos que existem. É um jogo que impressiona do começo ao fim e isso me anima muito. Ele faz você correr muito e pensar muito, auxiliando desde a perda de peso até saber tomar decisões rápidas”





Beach Tennis
Mirella Cardoso, 16 anos

“O beach tennis é um esporte que me traz alegria e que acaba criando laços por ser em dupla. Isso acaba aproximando demais as pessoas”



Balé
Camila Canfour, 16 anos

“Sempre me senti bem dançando, porque é a forma que encontrei de descansar minha cabeça e me concentrar no esforço físico necessário para dar o meu melhor nas aulas. O balé é o momento do meu dia onde eu me sinto talentosa e isso ajuda no meu bem-estar e na minha autoestima”



Corrida
Luiza de Azevedo, 16 anos

“A corrida mudou minha rotina de atividade física. Mudou minha saúde e minha performance. Eu agora tenho mais apreço, acordar cedo e cuidar de aspectos físicos e mentais”



Corrida
Armando, 17 anos

“A corrida mudou minha vida e minha relação com a minha concentração, minha disciplina. É algo que eu realmente gosto. Correr faz bem para todos os dias da minha atuação”



Karatê
Marina Luz, 17 anos

“O karatê me ajudou muito a manter a calma e a respiração em diversos momentos de nervosismo. Também foi ótimo para eu sentir que estou fazendo progresso em algo. É bem gratificante conseguir aprender coisas novas ou aperfeiçoar outra, a cada treino”

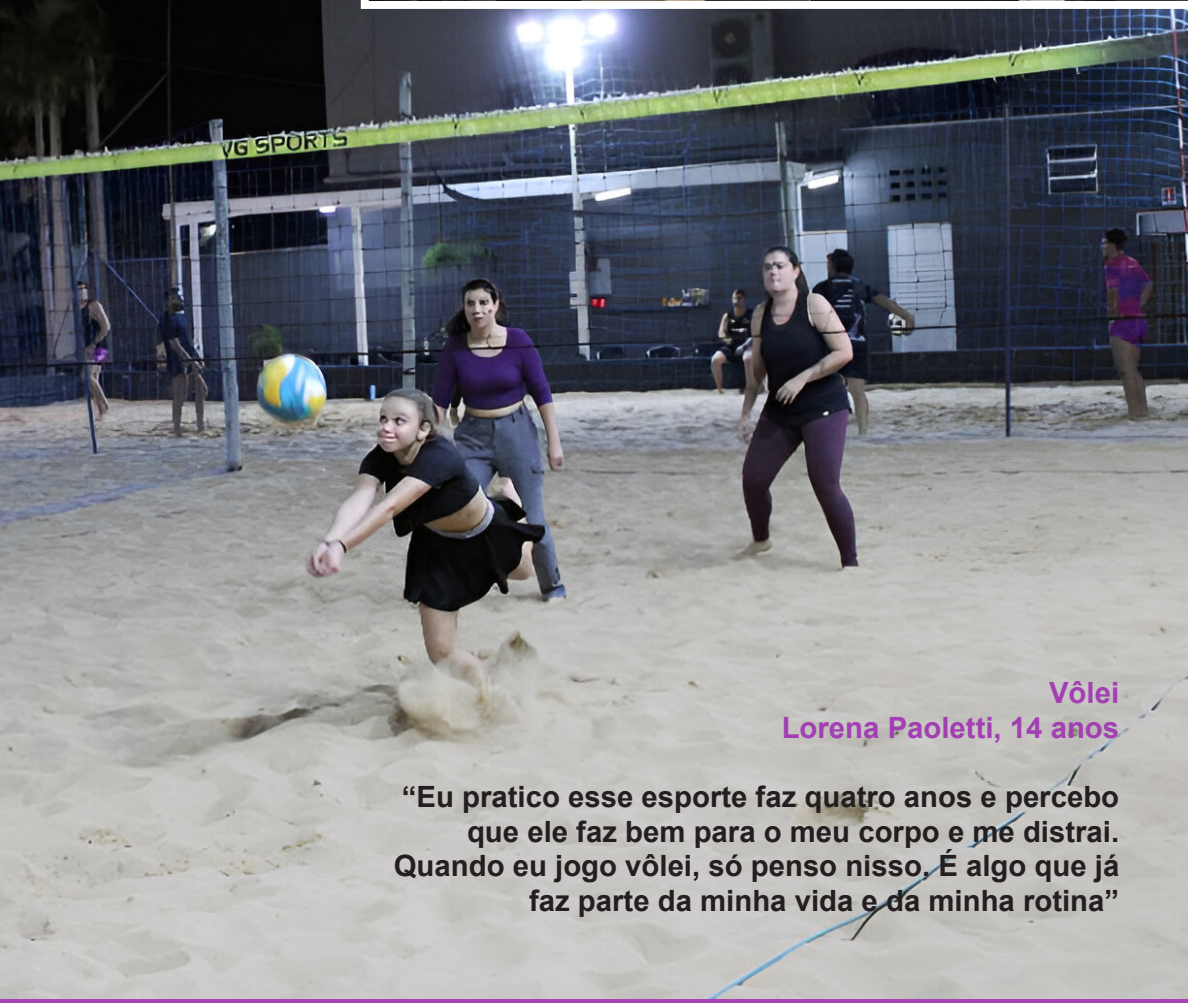


Ginástica
José Eduardo
Sacoman, 17 anos

“Comecei a praticar esse esporte quando era pequeno, mas sai e voltei no começo deste ano. A ginástica me dá disciplina, força, resistência física e mobilidade”



“Eu treino faz três anos, mas só há um ano e meio eu peguei muito gosto por academia. Às vezes, com a correria do ensino médio e vestibular, a gente não consegue tirar um tempo para cuidar da nossa saúde, mas sinto que na academia eu movimento meu corpo e minha mente”



Vôlei
Lorena Paoletti, 14 anos

“Eu pratico esse esporte faz quatro anos e percebo que ele faz bem para o meu corpo e me distrai. Quando eu jogo vôlei, só penso nisso. É algo que já faz parte da minha vida e da minha rotina”



Futebol

Heloisa Franco Miranda, 16 anos

“Eu gosto de praticar o futebol pela emoção de estar no gol, torcendo para meu time, ouvindo a torcida gritando meu nome. Além de ser bom para a saúde, o futebol promove a diversão e o trabalho em equipe”





Que tal um passeio pelo auge do rock and roll? O filme **Quase Famosos**, de 2001, é uma aventura/comédia que representa bem o que todo adolescente gostaria de ter vivido nos anos 70, com suas bandas favoritas. Mas o que para alguns ficou apenas no sonho, para outros se tornou realidade.

O diretor do filme, o estadunidense Cameron Crowe, fez de **Quase Famosos** uma semi autobiografia, uma vez que, aos 16 anos, viajou com a banda britânica Led Zeppelin e escreveu uma matéria para a revista Rolling Stone, conhecida por ser a “Bíblia do rock and roll”.

Essa é a trama vivida pelo personagem William Miller, interpretado pelo ator estadunidense Patrick Fugit. No filme, ele é um jovem de 15 anos que lida com as frustrações desde cedo, e vai na contramão dos sonhos da mãe, que sonhava em ter um filho advogado.

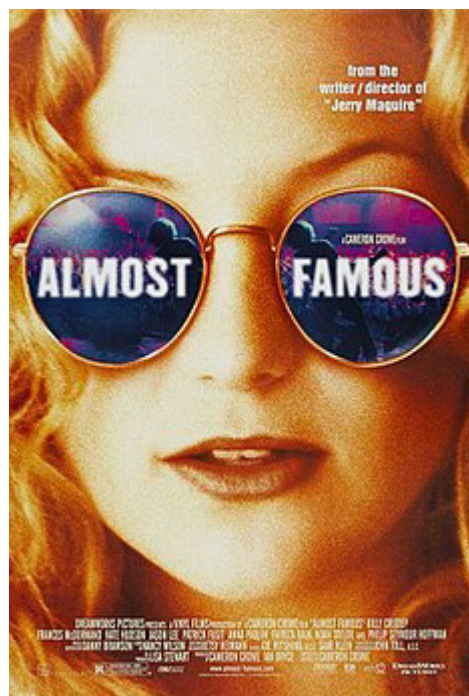
A primeira missão do garoto foi acompanhar como repórter a banda fictícia Stillwater em uma turnê pelos Estados Unidos. O trabalho foi oferecido pela revista Rolling Stone. Acompanhando William Miller no começo de sua jornada está Penny Lane, interpretada pela atriz norte-americana Kate Hudson. A jovem se torna rapidamente um interesse romântico do garoto, mas era a tradicional “groupie” das bandas americanas, ou seja, as tradicionais jovens obcecadas por artistas que esperavam por uma oportunidade de se relacionar com eles após os shows. A atuação de Kate Hudson, inclusive, lhe rendeu o Globo de Ouro de melhor atriz coadjuvante em 2000, ano de lançamento do filme.

A relação do jovem William Miller com a banda Stillwater é de altos e baixos, uma vez que alguns integrantes o viam como “o inimigo”, por ser jornalista. Assim, o garoto precisa equilibrar sua admiração pela música e as responsabilidades profissionais durante toda a trama, e o filme se desenrola mostrando as desilusões que o luxo e a fama escondem.

O diretor Cameron Crowe aproveita diversos momentos de **Quase Famosos** para “transportar” o espectador às cenas e mostrar a importância dos aprendizados de William Miller como jornalista, que não estava apenas crescendo profissionalmente, mas também perdendo a inocência de um adolescente para se transformar em um adulto.

A obra de Crowe mostra as dificuldades do começo da carreira de William Miller como jornalista, e deixa claro também que o profissional da imprensa não pode se deixar levar pela amizade na produção de uma reportagem. Ao contrário: ele deve se superar dentro de entrevistas e vivências superficiais para fazer um trabalho de qualidade.

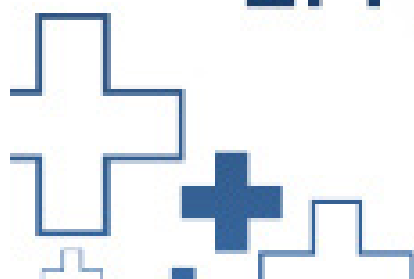
Apesar de ser aclamado pela crítica com o Globo de Ouro de Melhor Filme - Comédia ou Musical (2000), **Quase Famosos** teve um retorno de apenas US\$ 47 milhões para US\$ 60 milhões de orçamento nas bilheteiras. Um dos pontos fortes do filme é a trilha sonora, que traz diversas referências icônicas do rock and roll, com clássicos de Elton John, Led Zeppelin, Rod Stewart, Lynyrd Skynyrd, David Bowie, entre outros.



PUC
CAMPINAS

10 ANOS

PROGRAMA DE
RESIDÊNCIA
MULTIPROFISSIONAL
EM SAÚDE



HOSPITAL
PUC-CAMPINAS
CÉLIO FERREI





VESTIBULAR

2024

PUC-CAMPINAS

CIBERSEGURANÇA BACHARELADO

O FUTURO É DIGITAL E O SEU COMEÇA AGORA

INSCRIÇÕES ABERTAS ATÉ 28/01

PROVA GERAL: 01/02 - CURSO MATUTINO

ACESSE E SE CONECTE AO FUTURO

VESTIBULAR

1º SEMESTRE 2024

INSCRIÇÕES ABERTAS

O SEU AMANHÃ ACONTECE AGORA.

INSCREVA-SE ATÉ 18/02

PROVA DIA 22/02
OU USE SUA NOTA DO ENEM*

*Para se inscrever, escolha entre a prova presencial ou ENEM de 2013 a 2023.

PUC
CAMPINAS